



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA:

ANDRÉA ADRIANA DA SILVA

**O TRÂNSITO ENTRE CULTURAS NA REABILITAÇÃO AUDITIVA:
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DA PESSOA COM SURDEZ**

Maceió - AL

2021

ANDRÉA ADRIANA DA SILVA

O TRÂNSITO ENTRE CULTURAS NA REABILITAÇÃO AUDITIVA: NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS DA PESSOA COM SURDEZ

Dissertação apresentada para defesa no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia (PPGpsi), do Instituto de Psicologia (IP), na linha de pesquisa: Saúde, Clínica e Práticas Psicológicas, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja Maria Vieira.

Maceió - AL
2021

Catologação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino – CRB4/1459

- S586t Silva, Andréa Adriana da.
O trânsito entre culturas na reabilitação auditiva: narrativas autobiográficas da pessoa com surdez / Andréa Adriana da Silva. – 2021.
89 f.: il.
- Orientador: Nadja Maria Vieira.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2021.
- Bibliografia: f. 32-35; 67-68.
Apêndices: f. 69-83.
Anexos: f. 84-89.
1. Cultura surda. 2. Reabilitação auditiva. 3. Mediação semiótica. I. Título.

CD



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDRÉA ADRIANA DA SILVA

Título do Trabalho: “TRANSIÇÃO DE CULTURAS NA REABILITAÇÃO AUDITIVA: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DA PESSOA COM SURDEZ”.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Prof. Dra. Nadja Maria Vieira da Silva (PPGP/UFAL)

Examinadores:

Prof. Dra. Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima (PPGLL/FALE/UFAL)

Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 30 de setembro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que por ser minha base e força, deu-me graça e sustento para que eu pudesse chegar até aqui e ir além do que eu pensava. Concluir essa etapa do meu processo de evolução profissional e pessoal, torna-me uma das pessoas mais gratas e felizes. Por isso, Deus é a pessoa mais importante, porque além de tudo, foi um amigo para mim.

Agradeço a meus familiares, meus pais Geraldo Bernardo e Erotildes L. Silva, minha irmã Antônia Adriana, minha sobrinha Leandra Antonnela, e minha prima Veranilda Maria, que sempre acreditaram em mim, deram-me forças, apoiaram-me e me incentivaram; sei que essa conquista também é deles.

Agradeço também ao meu namorado Manoel Soares, que em momentos de angústia e dificuldades nesse processo foi um ombro amigo, escutando-me, fortalecendo-me e me incentivando a ir até o fim.

Agradeço a minha amiga mãe Lirani Souza que, mais que uma amiga da graduação, tornou-se uma mãe para mim. Agradeço-lhe todo cuidado, todo amor, todo companheirismo ao longo dos anos, por ter me acompanhado em todo o período de mestrado, com incentivos para não desistir diante das dificuldades.

Agradeço a minha amiga e intérprete de LIBRAS Wilma Tenório, que fez parte dessa pesquisa e me ajudou não só com o seu profissionalismo, mas com sua dedicação ímpar e seu amor. Uma pessoa que me passou conhecimentos e lições de vida. Com seu exemplo, ensinou-me que quando nos doamos em amor, o universo nos recompensa.

Agradeço a minha professora orientadora, Profa. Dra. Nadja Vieira, pela dedicação e pelos ensinamentos que vou levar para vida. Toda gratidão! Agradeço a todos os meus colegas de turma do mestrado, especialmente, a Rodrigo Almeida e Rodrigo Pimentel que juntos caminhamos e partilhamos momentos e aprendizados não só acadêmicos, mas de vida. Sou grata pelo companheirismo e amizade de vocês.

Agradeço aos professore(a)s do Instituto de Psicologia - UFAL pelo conhecimento partilhado, e a coordenação do PPGPsi, por toda disponibilidade e ajuda.

À CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

A estrutura da língua que uma pessoa fala influencia a maneira com que esta pessoa percebe o universo.

Lev Vigotski

RESUMO

No dicionário médico, a definição de surdo/deficiente auditivo é aquele “que não ouve ou ouve mal”. Para essas pessoas, são ofertados serviços de reabilitação auditiva pelo Sistema Único de Saúde – SUS, em cumprimento de portarias divulgadas pelo Ministério da Saúde. O propósito da reabilitação auditiva é desenvolver ou devolver a capacidade de percepção auditiva à pessoa com surdez. Argumentamos, entretanto, que as pessoas com surdez experimentam uma cultura própria, na medida em que se envolvem em processos de significações veiculados pelo uso da LIBRAS, que se define como um conjunto de estratégias e códigos sociais utilizados de maneira padrão, para que a pessoa com surdez possa viver numa sociedade organizada por/para pessoas ouvintes. Ao passar pelo processo de reabilitação auditiva, uma pessoa com surdez congênita transita entre a sua cultura e a cultura dos ouvintes e isso, por sua vez, abre possibilidades de novas experiências interpessoais e intrapessoais. Na presente pesquisa, investimos em uma discussão sobre a situação de trânsito entre as Culturas surda e Cultura Ouvinte. Nosso principal objetivo foi investigar como a pessoa com surdez, que é submetida ao processo de reabilitação auditiva, experimenta o trânsito entre a cultura surda e cultura ouvinte. A presente dissertação constitui-se de dois manuscritos. No primeiro manuscrito discutimos, a partir de uma revisão de literatura, o conceito de cultura em diferentes áreas da Psicologia. Por meio dessa revisão, defendemos que Cultura é um processo de mediação por signos. Na medida em que tecemos uma discussão sobre a Cultura nos casos da pessoas com surdez, referimo-nos a uma forma peculiar de exercício de linguagem, ou, dito e outra forma, de produção, organização e mediação semiótica. No segundo manuscrito, descrevemos uma pesquisa de campo norteadas por pressupostos metodológicos da Psicologia Cultural. Nosso objetivo foi investigar como a pessoa com surdez, que é submetida ao processo de reabilitação auditiva, experimenta o trânsito entre as culturas surda e cultura ouvinte. Em nossa metodologia, optamos por um estudo de caso de um adulto com surdez congênita. Foram realizadas cinco entrevistas episódicas semiestruturadas, mediada por um intérprete de LIBRAS. O local dessa realização foi um centro de reabilitação auditiva na cidade de Maceió-AL. Como conclusão geral da presente pesquisa, destacamos dois aspectos no trânsito entre culturas, a partir das narrativas que analisamos. No primeiro remetemo-nos às especificidades na construção do sentido de temporalidade nas narrativas de uma pessoa com surdez. Argumentamos que essas especificidades justificam o reconhecimento de uma cultura distinta visto a indissociação entre língua e cultura. Além disso, uma análise mais aprofundada sobre a construção de sentidos de temporalidade nos casos de pessoas com surdez suporta a afirmação de que a reabilitação auditiva deve ampliar o seu foco de atuação, de forma a contemplar mais do que o ensino de sons. Alertamos que a reabilitação não se trata apenas da experiência com sons, mas, sobretudo, das transformações na forma como se experimenta as outras pessoas, as instituições, o mundo. Com vistas a essa ampliação, nosso estudo aponta para a necessidade de atualização para a qualificação de profissionais que lidam com pessoas que experimentam esse processo de trânsito entre culturas na reabilitação auditiva. No segundo aspecto destacamos a incidência de conflito/tensão nos sentidos produzidos nas narrativas. Interpretamos essa incidência como o diálogo de vozes, com base em observações de Bakhtin (2003; 2010), que vinculou experiências sociais e políticas às práticas comunicativas humanas.

Palavras chaves: Cultura Surda; Reabilitação Auditiva; Mediação Semiótica.

**TRANSIT BETWEEN CULTURES IN HEARING REHABILITATION:
AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVES OF THE DEAF PERSON
ABSTRACT**

In the medical dictionary, the definition of deaf/hearing impaired is the one “who does not hear or hear poorly”. For these people, auditory rehabilitation services are offered by the Unified Health System – SUS, in compliance with ordinances published by the Ministry of Health. The purpose of auditory rehabilitation is to develop or restore the capacity of auditory perception to people with deafness. We argue, however, that people with deafness experience their own culture, as they become involved in processes of meanings conveyed by the use of LIBRAS, which is defined as a set of strategies and social codes used in a standard way, so that the person with deafness can live in a society organized by/for hearing people. When going through the auditory rehabilitation process, a person with congenital deafness transits between their culture and the culture of the listeners and this, in turn, opens up possibilities for new interpersonal and intrapersonal experiences. In the present research, we invest in a discussion about the situation of transit between deaf Cultures and Listening Culture. Our main objective was to investigate how the person with deafness, who is submitted to the auditory rehabilitation process, experiences the transition between deaf culture and hearing culture. This dissertation consists of two manuscripts. In the first manuscript we discussed, from a literature review, the concept of culture in different areas of Psychology. Through this review, we defend that Culture is a process of mediation by signs. As we weave a discussion about Culture in the cases of people with deafness, we are referring to a peculiar form of language exercise, or, in other words, of production, organization and semiotic mediation. In the second manuscript, we describe a field research guided by methodological assumptions of Cultural Psychology. Our objective was to investigate how the person with deafness, who is submitted to the auditory rehabilitation process, experiences the transition between deaf and hearing cultures. In our methodology, we chose a case study of an adult with congenital deafness. Five episodic semi-structured interviews were carried out, mediated by a LIBRAS interpreter. The location of this realization was a hearing rehabilitation center in the city of Maceió-AL. As a general conclusion of this research, we highlight two aspects of the transit between cultures, based on the narratives we analyzed. In the first, we refer to the specificities in the construction of the sense of temporality in the narratives of a person with deafness. We argue that these specificities justify the recognition of a distinct culture given the inseparability of language and culture. Furthermore, a more in-depth analysis of the construction of meanings of temporality in cases of people with deafness supports the assertion that auditory rehabilitation should broaden its focus of action, in order to contemplate more than the teaching of sounds. We emphasize that rehabilitation is not just about the experience with sounds, but, above all, about the transformations in the way other people, institutions, the world are experienced. With a view to this expansion, our study points to the need to update the qualification of professionals who deal with people who experience this process of transit between cultures in auditory rehabilitation. In the second aspect, we highlight the incidence of conflict/tension in the meanings produced in the narratives. We interpret this incidence as the dialogue of voices, based on observations by Bakhtin (2003; 2010), who linked social and political experiences to human communicative practices.

Keywords: Deaf Culture; Auditory Rehabilitation; Semiotic Mediation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Exemplos de critérios de segmentação das unidades temáticas	52
Quadro 2 - Narrativa 1 (Passado)	60
Quadro 3- Narrativa 2 (Passado)	60
Quadro 4- Narrativa 3 (Presente)	61
Quadro 5- Narrativa 4 (Presente)	62
Quadro 6- Narrativa 5 (Futuro)	63
Quadro7- Frequências de unidades de significação/temáticas	65

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2. MANUSCRITO 1: Cultura Surda: considerações sobre processos semióticos	14
3. MANUSCRITO 2: Aspectos no trânsito entre culturas na reabilitação auditiva	38
4. APÊNDICES	71
5. ANEXOS	86

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), aproximadamente 360 milhões de pessoas no mundo têm alguma perda auditiva, sendo que até 2050, a expectativa é de que esse número cresça para 900 milhões (BRASIL, 2018). No Brasil, pesquisas recentes mostraram que esse número aumentou de nove milhões (no senso de 2010) para 28 milhões (em 2015), ou seja, 14% da população com perda auditiva (JORNAL DA USP, 2019). O dicionário médico unido ao artigo 2º do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 definem a pessoa que tem perda auditiva como surdo\deficiente. Essa perda da audição pode ser bilateral, parcial ou total de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (FRIAS, 2015). Assim, essas pessoas são tidas como “quem não ouve ou ouve mal”. O contrário, ou seja, o antônimo dessa definição é ouvinte, que significa “pessoa que ouve” (FRIAS, 2015).

Assim, as pessoas tidas com deficiência auditiva no Brasil têm acesso aos serviços de saúde de reabilitação auditiva regulamentados pelo Ministério da Saúde (MS), através das portarias 587 e 589 de outubro de 2004. Esses serviços prestam assistência em saúde, desde o diagnóstico até a reabilitação da audição (JARDIM *et al.*, 2017). Nesse tipo de reabilitação, faz-se o uso do aparelho de amplificação sonora (AASI) e da Cirurgia do Implante Coclear (IC). O AASI consiste em um pequeno dispositivo eletrônico utilizado dentro ou atrás da orelha, que emite sons mais altos que o normal para que a pessoa com perda auditiva possa ouvir, se comunicar e participar de atividades sociais. Já o IC destina-se aos pacientes que têm deficiência auditiva severa a profunda e não conseguem ouvir ou, se ouvem, são apenas alguns ruídos. Nesses casos, o AASI não funciona e, por este motivo, realiza-se a cirurgia (LUCCHESI; ALMEIDA-VERDU, 2017).

O IC consiste em uma prótese colocada dentro da cóclea (parte interna do ouvido) por meio de uma cirurgia e outra presa ao redor da orelha, composta por uma antena e um processador de fala. Este aparelho capta os sons e transfere-os diretamente para o nervo auditivo, o que possibilita que pacientes gradativamente comecem a ouvir. Por se tratar de um dispositivo de alta complexidade, a cirurgia e a reabilitação do paciente são conduzidas por equipes multidisciplinares, em hospitais e centros credenciados pelo Ministério da Saúde, através do SUS (BRASIL, 2016).

Entretanto, é preciso esclarecer que a cirurgia para o IC é apenas uma das etapas de todo o processo de reabilitação auditiva. Entre 30 e 40 dias após a operação, o paciente precisa retornar ao hospital para a ativação do aparelho (momento em que é ligado e quando ele escuta os

primeiros sons). Após a ativação do aparelho, a pessoa que fez o IC, fica no mínimo três anos em acompanhamento, uma vez que, as habilidades auditivas são essenciais para desenvolver a linguagem oral e, alguns pacientes que nunca ouviram antes, precisam aprender o novo tipo de linguagem (BRASIL, 2016).

Desse modo, segundo Scaranello (2015), o objetivo da reabilitação auditiva é desenvolver ou devolver a capacidade de percepção auditiva, e essas alternativas visam possibilitar o desenvolvimento da pessoa com surdez no meio social ouvinte. Dessa maneira, a reabilitação auditiva ascende a possibilidade de uma pessoa que nunca ouviu, transitar da cultura surda para a cultura ouvinte. Esse trânsito entre culturas provoca novas configurações nas formas como essa pessoa se relaciona com o ambiente. A pessoa agora é orientada a se envolver em atividades destinadas à aprendizagem da linguagem oral. Emergem aí uma nova estruturação da mediação semiótica (mudanças nos usos de signos no funcionamento psicológico), diferente daquela relacionada com o uso da linguagem gestual (LIBRAS), com a qual ela está habituada.

Na Cultura Surda, a pessoa partilha um “mundo de silêncio” no qual o exercício de linguagem se realiza por meio de sinais (LIBRAS). Ao deparar-se com uma nova cultura - “mundo ouvinte”- rodeado de som e barulhos, a comunicação envolve outra língua. As pessoas com surdez, então, passam por transformações sociais, pessoais e interpessoais que trazem implicações emocionais e psicológicas.

Essas questões instigaram-nos. Integro a este sentimento, a experiência de estágio no setor de Psicologia de um Centro de Reabilitação Auditiva no período 2017 a 2018, quando presenciei diversos casos de indivíduos que rejeitavam o processo de reabilitação auditiva após realização do IC. Dessa forma justifico a realização deste estudo. Nosso objetivo central foi investigar como a pessoa com surdez que é submetida ao processo de reabilitação auditiva, experimenta o trânsito entre as culturas surda e ouvinte.

Nessa perspectiva, reconhecemos a Cultura como dinâmica do funcionamento psicológico humano. Valsiner (2012) menciona um dialogo constante entre culturas coletiva e culturas pessoal. Essa dinâmica contínuo reflete as operações simbólicas (mediação por signos) que opera no psiquismo humano e influencia nos modos de manifestação da linguagem e de significação das experiências humanas.

Portanto, esses pressupostos foram imprescindíveis para a nossa proposta de abordar a reabilitação auditiva e o trânsito entre culturas experienciado por uma pessoa com surdez, na perspectiva da Psicologia Cultural. Apresentamos aqui dois momentos do nosso estudo em formato de manuscritos: O primeiro momento tem por título CULTURA SURDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE PROCESSOS SEMIÓTICOS, aqui por meio de uma revisão

bibliográfica e análise ampla, buscamos compreender como produções científicas abordavam o conceito de Cultura. Com isso, buscamos fundamentar a apropriação do conceito de cultura como mediação semiótica discutido por Valsiner (2012) fazendo um paralelo com discussões sobre a cultura surda, suas especificidades e, seu amparo na relação entre linguagem, cultura e funcionamento psicológico da pessoa com surdez.

O segundo momento tem o título: ASPECTOS NO TRÂNSITO ENTRE CULTURAS NA REABILITAÇÃO AUDITIVA, trata-se de uma pesquisa de campo na qual discutimos aspectos relacionados à experiência de trânsito entre as culturas surda e ouvinte possibilitado pela reabilitação auditiva. Aqui, ancoramos nossas discussões na psicologia Cultural enquanto teoria e método em pesquisa, bem como em conceitos pensados por Bakhtin (2003) como enunciação e vozes para refletirmos na negociação de sentidos (expresso em narrativas), que essa experiência de trânsito entre culturas trouxe para uma pessoa que realizou o IC.

MANUSCRITO 1: CULTURA SURDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE PROCESSOS SEMIÓTICOS

RESUMO:

Expomos aqui argumentos para agregar valores à Cultura Surda, considerando-se esta como processos de significação mediados pela Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Partimos de uma discussão sobre a relação entre língua e cultura e os efeitos dessa relação para o desenvolvimento humano. No presente texto, realizamos uma revisão da literatura para dar visibilidade à diversidade de conceitos de cultura relacionada com diferentes áreas e perspectivas teórico-metodológica da Psicologia. Na análise do material bibliográfico, destacamos o objetivo, conceito e o conhecimento sobre cultura divulgado nas pesquisas. O nosso propósito foi discutir razões para a apropriação do conceito de mediação semiótica em uma abordagem da cultura surda, considerando-se características específicas dos signos linguísticos constituídos na ausência de som. O argumento é que a organização distinta dos signos visuais na língua de sinais não inviabiliza a comunicação nem desenvolvimento humano que dela depende. Concluímos que a análise de diferentes conceitos de cultura, relacionados à perspectivas teórica-metodológica diversas na Psicologia, ajudou-nos a agregar explicações sobre a relação entre língua e cultura e os efeitos dessa relação para o psicológico. Nos casos de surdez, justificamos a pertinência da caracterização de uma cultura própria, considerando-se características dos processos de significação e sentidos sobre as experiências no mundo emergentes na ausência da oralização.

Palavras-chave: Cultura; Semiótica; Surdez.

MANUSCRIPT 1: DEAF CULTURE: CONSIDERATIONS ABOUT SEMIOTIC PROCESSES

ABSTRACT

Here we present arguments to add values to Deaf Culture, considering this as meaning processes mediated by the Brazilian Sign Language - LIBRAS. We start with a discussion about the relationship between language and culture and the effects of this relationship on human development. In this text, we carry out a literature review to give visibility to the diversity of cultural concepts related to different areas and theoretical-methodological perspectives in Psychology. In the analysis of the bibliographic material, we highlight the objective, concept and knowledge about culture disclosed in the research. Our purpose was to discuss reasons for the appropriation of the concept of semiotic mediation in an approach to deaf culture, considering specific characteristics of linguistic signs constituted in the absence of sound. The argument is that the distinct organization of visual signs in sign language does not preclude the communication or human development that depends on it. We conclude that the analysis of different concepts of culture, related to different theoretical-methodological perspectives in Psychology, helped us to add explanations about the relationship between language and culture and the effects of this relationship for the psychological. In cases of deafness, we justify the pertinence of characterizing a culture of its own, considering characteristics of the processes of meaning and meaning about experiences in the world that emerge in the absence of oralization.

Keywords: Culture; Semiotics; Deafness.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Discutimos no presente texto, sobre a relação entre língua e cultura com o propósito de expor razões para agregar valores da cultura surda. Refletimos sobre pressupostos apresentados por pesquisadores/as, para explicar o desenvolvimento humano a partir da relação entre usos de linguagem e cultura. Exploramos por meio de uma revisão bibliográfica e análise ampla, argumentos voltados para a apropriação do conceito de cultura como mediação semiótica, com vistas à caracterização dos processos comunicativos e do desenvolvimento humano nos casos de pessoas com surdez, considerando-se que, nesses casos, configuram-se processos de significação constituídos na ausência de sons e interpretação de sinais visuais.

O termo cultura vem do latim *cultura e*, que significa “ação de tratar”, “cultivar” ou “cultivar a mente e os conhecimentos”. Porém quando se fala em cultura, o pensamento recorrente sobre este conceito é de um conjunto de práticas simbólicas de um determinado grupo: língua, artes (literatura, música, dança teatro etc.), religião, sentimentos, ideias, modos de agir, de vestir, etc. Fagundes e Silva (2015) afirmam que também é comum, o termo cultura ser associado a fazeres e hábitos elitizados, por exemplo, ir ao museu, ler livros, ouvir música clássica, apreciar balé. Ou até mesmo, a cultura pensada a partir do senso comum, está implicitamente associada ao estudo e a educação. Cotrim (1999, p.14) afirma que “na linguagem cotidiana dizemos que um homem que frequenta boas escolas, leu bons livros e possui modos refinados é pessoa de cultura”.

Sendo assim, em seu livro “O que é cultura”, Santos (2004) comenta que esse conceito diz respeito à humanidade. Para o autor, cultura se traduz como manifestações peculiares que caracterizam uma população humana. Assim, cada cultura resulta de uma história particular e, ao mesmo tempo, diz respeito a sua relação com outras culturas. Poche (1989) endossa esse pensamento sobre cultura, referindo-se aos esquemas perceptivos e interpretativos produzidos nos discursos que mediam a relação dos grupos humanos com o mundo e com o conhecimento. Para Poche, trata-se de uma dinâmica contínua de absorção e expressão. Nessa abordagem, a língua e a cultura são duas produções paralelas ou, para além, a língua é um “recurso” na produção da cultura. Embora não seja o único recurso, a língua serve para criar, simbolizar e fazer circular sentido em um processo permanente de interação social.

Consideramos a variabilidade no que concerne a definição de cultura e a implicação dessa variabilidade para o nosso propósito de embasar o reconhecimento da cultura surda. O nosso principal argumento é que a concepção de cultura como mediação semiótica defendida nos pressupostos da Psicologia cultural é mais apropriada para suportar uma abordagem da

cultura surda relacionada com o uso de LIBRAS. Com vistas à fundamentação desse argumento, ocupamo-nos no presente texto, com uma revisão da literatura que tem como foco uma análise da cultura em diferentes áreas da Psicologia.

Ao longo desta revisão, trabalhamos com diferentes concepções de cultura e incluímos uma pesquisa que concebe cultura como mediação semiótica na qual apoiamos encaminhamentos do nosso argumento. Nesses encaminhamentos, exploramos diferentes temas relacionados com usos da língua de sinais e com a organização de comunidades surda para fundamentar o sentido defendido aqui para cultura surda.

2. ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL BIBLIOGRÁFICO

Realizamos um levantamento da produção científica acerca do conceito de Cultura em periódicos. Neste levantamento, consultamos as seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*, Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e *Google Acadêmico*. Como descritores, utilizamos as palavras “Cultura e Psicologia”. O nosso objetivo foi encontrar artigos em revistas de Psicologia que abordassem o conceito de Cultura, a partir dos seguintes critérios de busca: 1) apenas em revistas e artigos nos diferentes campos da Psicologia que apresentassem a palavra cultura em seus títulos ou nas palavras chaves; 2) artigos que foram publicados no período entre 2009 e 2019.

3. ANÁLISE DO MATERIAL BIBLIOGRÁFICO LEVANTADO

Inicialmente, foram encontrados 273 documentos nos bancos de dados: 22 artigos no portal de Periódicos CAPES, 33 no *Scielo* e 218 no *Google acadêmico*. Desse total, retiramos os capítulos de livros, teses, monografias e artigos repetidos. Restaram 138 artigos. Na fase seguinte, realizamos a leitura dos resumos dos 138 artigos, selecionamos apenas artigos em língua portuguesa e, desta seleção contamos 80 artigos (CAPES 8%; SciELO 22% e *Google Acadêmico*, 50%) dos quais, 29 eram pesquisas de campo e 51 pesquisas bibliográficas.

Para fins de nossa revisão e análise, destacamos desse total, os 10 artigos mais citados por outros/as autores/as por considerarmos ser essa quantidade apropriada para subsidiar os nossos argumentos. Assim, no fim da nossa busca, assumimos para nossa apreciação 4 artigos de Psicologia Organizacional, 3 artigos de Psicologia Social, 1 artigo na área da Psicanálise, 1 artigo na área de Análise do Comportamento e 1 artigo de Psicologia Cultural.

Para tecer as nossas explicações, focalizamos na forma como cada artigo aborda o conceito de cultura, assim como os objetivos, os aspectos metodológicos e o conhecimento sobre cultura viabilizado nos resultados de cada trabalho selecionado. O primeiro artigo analisado foi o do título *Mal estar no trabalho: análise organizacional de um contexto bancário brasileiro* (FERREIRA; SEIDL, 2009), publicado na revista *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Trata-se de uma pesquisa no campo da Psicologia Organizacional, que teve como objetivo examinar as representações de pessoas que trabalhavam em banco (bancários). Nessa pesquisa, os autores relacionavam o mal-estar no trabalho com aspectos da cultura organizacional.

Nesse texto, cultura é abordada como “um conjunto de representações imaginárias construídas e reconstruídas nas relações cotidianas dentro da organização” (FERREIRA; SEIDL, 2009, p. 246). Essas representações, construídas nas relações organizacionais, originam a cultura e são expressas pelos os autores em termos de valores, normas, significados e interpretações, visando um sentido de direção e unidade. Esses termos colocam a organização como fonte de identidade e de reconhecimento para os seus membros.

No que se refere à metodologia, trata-se de uma pesquisa de campo, realizada em um banco estatal brasileiro, com a abrangência de todas as suas unidades administrativas distribuídas pelas regiões do país (Brasil). Participaram da pesquisa 1.164 bancários do quadro efetivo da instituição, correspondendo a 25,5% do total de servidores (N=4.558) presentes à época de sua realização. Os dados da pesquisa foram obtidos por meio de um questionário que foi disponibilizado na intranet do banco.

A produção de conhecimento sobre cultura nesse trabalho apontada nos resultados foi a identificação de traços específicos de uma cultura organizacional em termos de valores, normas e interpretações, os quais servem de “pano de fundo” para se compreender as bases concretas das representações de mal-estar no trabalho que estão associadas à insatisfação, ao desengajamento e ao descomprometimento. Os resultados apontaram ainda para uma classificação específica (taxonomia), contendo os principais indicadores críticos que atuam como fontes do mal-estar no trabalho de acordo com as respostas obtidas pelos bancários no questionário.

O segundo artigo que apreciamos em nossa análise, tem por título *Autoestima como expressão de saúde mental e dispositivo de mudanças na cultura organizacional da polícia* (ANDRADE; SOUZA, 2010), publicado na revista *Psicologia Clínica*. O objetivo desse estudo foi discutir como a autoestima e a saúde mental de policiais civis afetam e são afetadas pela cultura organizacional da polícia. O conceito de cultura usado para embasar o estudo, também está ligado ao mundo corporativo. Schein (1992) *apud* Andrade e Souza (2010), apresentam

uma concepção de cultura organizacional que se insere em um conceito mais amplo de cultura, que de um certo modo, abarca uma generalidade. Segundo o autor, Cultura pode ser definida como “um padrão de pressupostos básicos que o grupo criou ou desenvolveu, aprendendo a lidar com os problemas de adaptação externa e integração interna, podendo assim ser ensinados aos novos membros como o modo correto de perceber, pensar e sentir em relação àqueles problemas” (ANDRADE; SOUSA, 2010, p. 184).

O estudo segue a orientação teórica-metodológica da pesquisa-ação, com aplicação de instrumentos quantitativos e qualitativos. Participaram do estudo 148 policiais de uma delegacia especializada em crimes contra o patrimônio da cidade do Rio de Janeiro/Brasil. Para a abordagem quantitativa foi utilizado um questionário autoaplicável, preenchido pelos dois grupos antes (Fase 1) e após (Fase 2) a intervenção. Para a abordagem qualitativa, os autores utilizaram um questionário aberto, um grupo de debates e um diário de campo para obter informações sobre a importância de cada encontro realizado na intervenção.

O conhecimento sobre cultura produzido com esses procedimentos apontou para estratégias que visam melhor desempenho dos policiais em suas atividades diárias. Isso se justifica quando nos resultados os autores colocam que possibilitar mais saúde mental aos policiais pode servir como um dispositivo estratégico para suscitar mudanças na cultura de violência vivenciada nas polícias das grandes metrópoles do país. De acordo com eles “a elevação dos padrões de autoestima pode ser o caminho mais seguro para uma boa prestação de serviços na polícia” (BALESTRERI, 2003, p. 1; *apud* ANDRADE; SOUZA, 2010).

O terceiro artigo, intitulado *Cultura Organizacional e processos de inovação: um estudo psicossociológico em empresa de base tecnológica* (DE GODOY; PEÇANHA, 2009), foi publicado no boletim da academia Paulista de Psicologia. A pesquisa teve como objetivo identificar e compreender aspectos da cultura organizacional que facilitam ou dificultam os processos de inovação. Também nesse artigo, foi abordada a concepção de cultura organizacional: “valores, crenças e pressupostos básicos inconscientes que são compartilhados por membros de uma organização, expressos através de normas, que podem ser observadas em rituais, palavras e ações” (DE GODOY; PEÇANHA, 2009, p.145).

No que se refere aos aspectos metodológicos, foi realizado um estudo de caso com delineamento quanti-qualitativo. Os pesquisadores escolheram, por conveniência, uma empresa reconhecida por suas inovações, que situava-se em um tecnopolo de uma cidade universitária no Estado de São Paulo. Foi utilizado questionário estruturado e validado, desenvolvido pelas autoras, denominado Escala ECO – Escala de Cultura Organizacional (ROCKENBACH; PEÇANHA, 2005; FERREIRA *et al.*, 2002).

Incluíram-se ainda nos procedimentos metodológicos, entrevista individual semiestruturada com gestor estratégico e entrevista coletiva também semiestruturada, com cinco colaboradores da equipe de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos. Na produção de conhecimento sobre cultura nesse trabalho evidenciaram-se aspectos padrões de comportamentos empresariais de relacionamento que, quando desenvolvidos dentro de uma organização pode vir a gerar uma cultura de inovação na produção da empresa. De acordo com os resultados, a cultura organizacional estudada apresentou características descritas na literatura sobre a cultura de inovação, entre as quais destacam-se: gestão estruturada dos processos de inovação, trabalho em equipe, suporte das lideranças, comunicação aberta.

No artigo com que o título *Cultura Organizacional e Saúde – contribuições da Psicodinâmica do Trabalho* (PEÇANHA, 2009), publicado no boletim da academia Paulista de Psicologia, aborda-se a Cultura Organizacional e seus efeitos sobre a Saúde. O objetivo desta pesquisa foi discutir concepções de Cultura organizacional com foco na Saúde e revisar perspectivas teóricas e empíricas nas quais se articulam essas duas dimensões. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica. A autora justificou esta opção metodológica com o argumento de que a literatura oferece melhores condições de acesso aos conhecimentos sobre Cultura organizacional, nas suas manifestações aparentes ou comportamentos explícitos, em um nível mais profundo, inconsciente e psicodinâmico.

Peçanha (2009) discute Cultura Organizacional como um constructo multidimensional que, segundo ela, dificulta consenso sobre o assunto. Para a autora, a palavra cultura, por si só, já indica interdisciplinaridade, por ser um termo que é objeto das Ciências Sociais, da Filosofia e das Ciências Humanas. Para alguns\mas autores\as, a cultura das empresas impõe-se sobre as pessoas que dela participam. Para outros, ela é construída pelos atores e atrizes que ocupam diferentes posições numa dada organização. Assim, uma forma de simplificar o conceito de cultura no mundo organizacional é atrelá-lo aos valores e significados que influenciam o comportamento humano e as práticas organizacionais.

Nessa perspectiva, Peçanha (2009) retoma o conceito de Schein (2004; 1992, *apud* Andrade e Souza (2010) já citado anteriormente na presente análise. Nos resultados dessa pesquisa, a produção de conhecimento sobre cultura evidencia engrenagens do funcionamento institucional que impactam no comportamento humano as quais, de alguma forma, travam relação com a saúde das pessoas.

O quinto artigo que apreciamos situa-se no campo da Psicologia Social e tem como título: *Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres* (SOUSA, 2017). Este artigo foi publicado na Revista de Psicologia de Estudos Feministas e teve como

objetivo refletir sobre os mecanismos sistêmicos e culturais que promovem a cultura do estupro. De acordo com a autora, esses mecanismos protegem o estuprador e anulam os direitos das vítimas. No que se refere aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa teórico bibliográfica; uma busca por literaturas científicas que abordam a violência sexual contra a mulher.

Nesta pesquisa, a autora destacou formas de violência simbólica que resultam na violência sexual contra a mulher, com o propósito de desconstruir imagens míticas, tanto da vítima quanto do próprio estuprador, como ação reveladora, para além do ideário popular, do que é, de fato, um estupro. O conceito de Cultura referenciado no estudo é o de Marilena Chauí (1986) no qual “cultura é o campo simbólico e material das atividades humanas” (SOUSA, 2017, p. 10). Esse conceito é incorporado à argumentação defendida nesta pesquisa de que se pode chamar uma determinada prática social de cultura (no caso, cultura do estupro), pelo fato de que nessa nomeação implica-se atribuir a essa prática social uma série de fatores que exprimem determinada conduta. Essa prática social ou cultura, caracteriza-se, entre outras coisas, por ser algo feito de maneira corriqueira e não listado como raras exceções, colocando essa ação como uma atividade humana.

O conhecimento sobre cultura divulgado nos resultados desse trabalho, aponta que a violência contra mulher se naturaliza nas práticas de dominação masculina por meio da violência simbólica. Cultura refere-se às práticas humanas que alimentam um sistema de crenças e valores simbólicos partilhados socialmente. Para a autora, é necessária a compreensão dessas questões e compromisso dos indivíduos com o fim do estupro, para romper a fonte que alimenta “essa cultura”.

O Sexto artigo que analisamos tem o título de *Cultura, Identidade e Subjetividade Quilombola: uma leitura a partir da Psicologia Cultural* (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014) foi publicado na revista *Psicologia e Sociedade*. O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar a cultura quilombola como campo simbólico propício para identificações e posicionamentos de seus pares, relacionando-os ao contexto histórico-cultural. Trata-se de um estudo bibliográfico que focalizou costumes praticados nas comunidades quilombolas, para discutir sobre a relação entre a cultura, organização social, identidade e subjetividade na ótica de uma Psicologia Cultural. Vale salientar que, ao citar o termo Psicologia Cultural, os autores referenciam processos de produção de significados e símbolos próprios da comunidade quilombola.

Nesse cenário investigativo, assumiu-se como conceito de Cultura “o que torna o homem ao que ele é quando se cresce em um determinado ambiente, ou seja, trata-se da forma

autêntica e local de cada povo se constituir” (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014, p. 107). Para justificar esse conceito, os autores defendem que os seres humanos se projetam em identidades culturais, ao mesmo tempo em que absorvem significados e valores, tornando-os parte de si mesmo. Nesse pensamento, a Cultura refere-se à totalidade de reações subjetivas e sociais que caracterizam a conduta de indivíduos componentes de um grupo.

O sétimo artigo tem como título *A cultura psicológica no mercado de bens de saúde mental contemporâneo* (BENELLI, 2009) e foi publicado na revista Estudos de Psicologia. O objetivo deste estudo foi problematizar uma excessiva psicologização da vida contemporânea, tomando como exemplos característicos desse fenômeno a filosofia clínica, o eneagrama e a programação neurolinguística. Assumiram-se neste estudo a hipótese da cultura psicológica proposta por Castel (1987), para explicar transformações sociais atuais e seus impactos para a saúde mental. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com base em um caso singular, analisado a partir de uma perspectiva dialética.

Referencia-se nesta pesquisa como conceito de cultura “um conjunto de crenças compartilhadas sobre os indivíduos contemporâneos” (BENELLI, 2009, p. 516). O artigo remete-se a concepção de “Cultura Psicológica”, como um movimento de superação da antipsiquiatria pós-psicanálise, que busca a partir de técnicas médico-psicológicas ultrapassar o recorte do normal e do patológico e imprecisão da prevenção e do tratamento. O referido movimento, de acordo com o autor, defende um processo de programação de si mesmo com vistas para a experiência de equilíbrio psicológico. No artigo, explica-se que esse tipo de Cultura não visa a prevenção e nem a cura das disfunções, mas o autodesenvolvimento psicológico interminável do indivíduo. O mundo e a vida passam a ser interpretados e disseminados aos indivíduos como experiências psicológicas que devem ser administradas e transformadas.

O conhecimento sobre cultura publicado nessa pesquisa aponta para uma nova estratégia de poder, que se desenvolve sobre os seres humanos por meio de um conjunto de crenças disseminados nas sociedades. Esse conhecimento sugere uma espécie de nova cultura, cujo sucesso depende da modificação e redefinição profunda da pessoa, para superar antigas tecnologias psicológicas. Nessa proposta, a pessoa não se volta para a reparação ou prevenção de disfunções, mas para uma programação da eficiência.

O oitavo artigo tem por título *A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana* (TEIXEIRA; COUTO, 2010) e foi publicado na revista Psicologia em Estudo. O seu objetivo foi fazer uma leitura da cultura capitalista de consumo na contemporaneidade, tomando como aporte a Teoria dos Discursos de Lacan, especialmente no seminário 17, *O Avesso da*

Psicanálise (1969-1970). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, na qual os autores tecem uma discussão sobre o lugar do sujeito na cultura contemporânea do consumo excessivo como forma de completude existencial. O conceito de cultura que o texto se apropria é “sistema de crenças que tem relação com o gozo” (TEIXEIRA; COUTO, 2010, p. 587). Os autores destacam as tentativas do sujeito contemporâneo para se livrar das frustrações geradas pelo mal-estar da civilização. Nessa organização cultural, submetidos às diversas estruturas discursivas simbólicas na ilusão da crença da existência de objetos satisfatórios, o sujeito (termo psicanalítico empregado) é, então, incessantemente impelido de forma inconsciente a gozar por meio desses objetos de consumo constituídos na cultura.

As conclusões desse estudo consistem em afirmar que uma promessa de completude, é uma propaganda enganosa, pois, uma vez que as relações sociais humanas são exercidas na linguagem (discursos), a experiência de si mesmo é de divisão, incompletude e de impedimentos para atingir a plenitude da satisfação. O conhecimento sobre cultura nesse estudo, aponta para um espaço no qual o indivíduo é convidado a libertar-se do ideal de satisfação imposto pela cultura do consumo excessivo para viver uma cultura baseada numa perspectiva não de completude, mas de abertura às particularidades de seus desejos concretos.

Com o título de *Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento* (ANDERY, 2011), o penúltimo artigo que analisamos foi publicado na revista *Perspectivas em Análise do Comportamento*. O objetivo desse estudo foi discutir o papel da análise do comportamento para o estudo da cultura. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com foco em literaturas que abordaram a relação entre o comportamento humano e diferentes contextos sociais.

O conceito de cultura referenciado no estudo é aquele apresentado por Skinner (1904-1990): “conjunto das contingências sociais de um grupo e, por sua vez, parte constitutiva do comportamento dos seres humanos, ou seja, é o ambiente social dos sujeitos que de algum modo influencia no comportamento” (SKINNER, 1990); *Apud* ANDERY, 2011, p. 207). No conhecimento sobre cultura divulgado a partir desse estudo destaca-se que o ambiente social precisa ser explicado e visto como determinante do comportamento humano.

O Décimo e último artigo de nossa análise, teve título, *A Concepção de Cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar* (MARTINS; RABATINI, 2011) e foi publicado na revista *Psicologia Política*. Seu objetivo foi analisar a concepção de cultura apresentada por Vigotski (1896-1934) para, a partir dessa concepção, destacar a relevância do ensino escolar no desenvolvimento humano. O principal interesse das autoras foi destacar a principal proposição no conjunto da obra de Vigotski, que declara a constituição cultural do

psiquismo humano. No que se refere aos aspectos metodológico, trata-se de um estudo bibliográfico.

Segundo as autoras na obra de Vigotski, a cultura é aspecto central nas explicações sobre o funcionamento psicológico e foi abordada nessa obra, a partir da análise do uso de signos como instrumentos psíquicos. Nas explicações da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski e seus colaboradores, a mediação semiótica ativa transformações no funcionamento psicológico humano, de um nível espontâneo (primário) para um nível voluntário (superior).

Remetendo-se à perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, Cultura é conceituada nesse artigo como “a mediação que explica o processo histórico dos indivíduos” (VIGOTSKI, 1995; *apud* MARTINS; RABATINI, 2011, p. 348). Nesse pensamento, a cultura efetiva-se na mediação de signos ou instrumentos culturais, que operam como material e instrumento psicológico. No desenvolvimento, a linguagem é o instrumento semiótico/cultural principal, de acordo com as explicações de Vigotski. Para as autoras, a apropriação da cultura é um processo historicamente orientado e deve ser amplamente considerado nas práticas educacionais que objetivam o desenvolvimento humano.

O conhecimento sobre cultura publicado com essa pesquisa aponta para a internalização de processos de natureza histórica e cultural, enquanto princípio que ativa transformações nas relações entre o organismo e ambiente que se expressam como desenvolvimento humano. As autoras deste estudo defendem que, para fins de direitos sociais e humanos, precisamos considerar mais efetivamente esse potencial de transformação e atuarmos na (des)ordem social com vistas às mudanças nas relações interpessoais, de forma que propiciem a experiência de máxima humanização por meio de apropriações igualitárias dos bens materiais e intelectuais da humanidade. Elas acreditam que a escola pode ser uma grande aliada nesse projeto.

4. DISCUSSÕES SOBRE A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Avaliamos as informações descritas aqui sobre o conceito de cultura, os aspectos metodológicos e o conhecimento divulgado em cada artigo sobre cultura e caracterizamos duas orientações epistemológicas subjacentes: monológica e dialógica (o quadro 1 possibilita-nos a visualização dessas tendências relacionadas com os conceitos de cultura referenciados em cada artigo).

Por orientação monológica referimo-nos aos conceitos de cultura, que a descreve com características discretas e estáticas, com localização definida (interna ou externa ao organismo), atemporalidade e uma tendência para ênfase ou na dimensão coletiva ou na individual. É o caso

por exemplo, de se conceituar cultura como “conjunto de representações organizacionais” (artigo 1) no qual sugere-se, com a característica de representação, um exercício atemporal, impessoal e exclusivamente coletivo da cultura.

Situação semelhante acontece quando avaliamos o conceito de cultura como “forma e local de um povo se constituir” (artigo 6), no qual impõe como relevância a localização e coletividade, como aspectos discretos e estáticos. Outro exemplo de orientação monológica se observa no conceito de cultura como “valores, princípios e pressupostos inconscientes” (artigo 2). Embora seja possível interpretar que existe uma relação entre dimensões internas e externas na experiência humana de valor, o conceito não deixa evidente, sugerindo uma predominância da atenção a experiência interna sobre a externa na caracterização da cultura.

Por orientação dialógica, referimo-nos aos conceitos de cultura que a descreve com ampla relevância para os aspectos históricos (temporais) e transitoriedade (mudança). Na presente análise, observamos essa orientação em apenas duas situações. No caso de cultura ser definida como “Campo simbólico da atividade humana” (artigo 5) e como “mediação semiótica” (artigo 10). Nesses casos, pressupõe-se que não é possível situar ou localizar a cultura. Além disso, esses conceitos, que avaliamos como orientação epistemológica dialógica, aponta para uma interanimação entre cultura e linguagem (sistema de signos).

Art	Campo de Conhecimento	Conceito de Cultura	Orientação Epistemológica
1	Psicologia Organizacional	Conjunto de representações organizacionais	Monológica
2	Psicologia Organizacional	Valores, princípios e pressupostos inconscientes	Monológica
3	Psicologia Organizacional	Pressupostos básicos adaptativos no lidar com problemas na organização	Monológica
4	Psicologia Organizacional	Pressupostos básicos adaptativos no lidar com problemas na organização	Monológica
5	Psicologia Social	Campo simbólico da atividade humana	Dialógica
6	Psicologia Social	Forma e local de um povo se constituir	Monológica
7	Psicologia Social	Conjunto de crenças psicológicas contemporâneas compartilhadas	Monológica

8	Psicanálise	Sistema de crenças que tem relação com o gozo	Monológica
9	Análise do Comportamento	Conjunto de contingências sociais ou ambiente social	Monológica
10	Psicologia Cultural	Mediação semiótica	Dialógica

Quadro 1. Orientação epistemológica dos conceitos de cultura

5. CULTURA COMO MEDIAÇÃO SEMIÓTICA

Essa orientação dialógica na base do conceito de cultura é, como vimos, menos frequente nas pesquisas científicas em Psicologia, que preservam características do conceito importado dos campos da sociologia e antropologia. Chamamos a atenção, todavia, para o aspecto eminentemente psicológico que não foi relevado no conceito importado: a interanimação entre cultura e linguagem. Foi a observação dessa interanimação que levou a conceituação de cultura como mediação semiótica.

À medida que significamos nossas experiências no mundo também renovamos nossas formas de agir. Isso quer dizer que a cultura muda, que ela não é estática. Além disso, não é possível generalizá-la, senão se excluiria a seleção que cada pessoa imprime sobre suas experiências coletivas. Em uma abordagem sobre essas questões, Valsiner (2012) declarou que o termo cultura se refere à mediação semiótica (mediação por signos). O autor reafirma explicações de Vigotski sobre a constituição cultural do funcionamento psicológico humano.

Isto quer dizer que as funções psicológicas são originadas e organizadas com base na semiogênese (produção e signos). Dessa forma, é possível falar de cultura no nível de processos intrapessoais (relativos à experiência de mundo da pessoa: sentir, pensar, memorizar, esquecer, planejar, etc.). Isto é, se uma pessoa observa uma situação e diz a si mesma (em sua mente) “eu gosto disso”, está envolvida em um ato de regulação semiótica (cultura) intrapsicológica. Além disso, a mediação semiótica atua também no âmbito interpessoal, cada vez que as pessoas se envolvem em diferentes formas de relação, como em conversas, na persuasão, no evitar determinadas experiências com outros, etc.

Isto quer dizer também, que a linguagem é matéria expressa da cultura; mas a direção inversa também é sustentável: a cultura é a energia da linguagem. É fato que não é possível tratar esses dois processos como forma e conteúdo, ou forma e função. É a interanimação entre linguagem e cultura que torna o ser humano, essencialmente ativo. Assim, a relação entre

cultura, linguagem e funcionamento psicológico é aspecto central no nosso propósito de discutir sobre a cultura surda.

6. CULTURA SURDA

A visão de um corpo doente/deficiente geralmente embasa o conhecimento, sobre as pessoas com surdez. De acordo com Sá (2006), essas pessoas são consideradas menos “normal” e, portanto, passíveis de enquadramento no modelo da “deficiência”. Há, entretanto, outra direção nas discussões, nas quais as pessoas com surdez ficam fora desse enquadramento, para serem consideradas como produtoras de outra cultura, mais especificamente a cultura surda.

Para Duarte *et al.* (2013), esta cultura difere da cultura dos ouvintes em virtude dos processos comunicativos e não pela alteração orgânica funcional. A sua constituição está relacionada com o uso da língua de sinais, primeiro meio de comunicação, que têm características linguísticas peculiares, normas sociais e identidade própria. Portanto, como destacamos anteriormente, as discussões sobre cultura surda se apoiam na relação entre linguagem, cultura e funcionamento psicológico.

De acordo com Santana e Bergamo (2005), na surdez, o termo “cultura” faz referência à língua de sinais organizada como estratégia social e mecanismos compensatórios que as pessoas com surdez realizam para agir no/sobre o mundo. Para Kapitaniuk (2011), a cultura surda está intrinsecamente relacionada a todo um sistema de signos que se configura de forma diferenciada e particular, distinguindo-se da cultura dos ouvintes. Sá (2006) reforça esse pensamento e afirma que a cultura surda se relaciona com códigos próprios: com símbolos, formas de organização, solidariedade, linguagem etc.

As pessoas com surdez auto referenciam-se como participantes de uma outra cultura, ainda que não se trate marcadores de raça ou de nação. Para Skliar (1998), a diferença entre essas duas culturas (ouvinte e surda) está baseada em representações e significações que geram práticas e atitudes sociais. Assim, a cultura surda é, portanto, uma cultura diferente, visto que, a experiência de surdez é uma construção histórica e social, efeito de conflitos sociais, ancorada em práticas de significação e de representações compartilhadas entre as pessoas com surdez.

Para Senna (2019) a pessoa com surdez faz parte de um grupo social com uma cultura própria, língua própria e, conseqüentemente, manifestações culturais próprias. A razão é a predominância dos estímulos visuais. Em outras palavras, nomeamos como “cultura surda” a forma como as pessoas com surdez explicam e modificam o mundo, a partir do seu marco

cultural: sua língua (LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais) cuja manifestação integra todo o corpo e não somente o uso das mãos.

Vale salientar que, nas abordagens histórico cultural, a língua não é transmitida, ensinada ou aprendida pela imitação. De forma diferente, é determinante o papel ativo da criança nos seus usos de linguagem (processos comunicativos) com o meio social para o seu desenvolvimento humano. Vigotski (1988) argumentou que se uma criança viver em uma comunidade e utilizar uma determinada língua para interagir com outras pessoas, esse uso destina-se tanto à comunicação, quanto, ao mesmo tempo, para a deflagração de processos para o desenvolvimento cognitivo da criança, relacionado com a internalização da língua em uso. Por analogia, argumentamos, então, que a língua de sinais, utilizada pela população com surdez para sua comunicação, deflagra processos diferenciados no seu desenvolvimento cognitivo. Dito de outra forma, a língua de sinais é mediadora no desenvolvimento cognitivo da pessoa com surdez (KENDRICK, 2010).

6.1. Processos semióticos na comunicação da pessoa com surdez: cultura transforma barreiras sensoriais

As discussões que tecemos até agora nos dirige para um questionamento: como se caracteriza a relação entre linguagem, cultura e funcionamento psicológico nos casos de surdez? Somos inclinados ao pensamento de que a resposta reside no como se constituem e como são mediados signos e significados nesses casos. De acordo com Peirce (1939-1914), o signo ou *representamen* é algo que, de algum modo, representa alguma coisa para alguém. Ele dirige-se a alguém e cria na mente da pessoa outro signo que representa esta ou outra coisa - um objeto. Dessa forma, um signo coloca-se no lugar de um objeto ou de uma ideia (KAPITANIUK 2011).

Signos são ferramentas mentais e, por sua vez, a mente humana opera por meio de signos. Consequentemente, os signos são cultivados para uma relação consigo mesmo, mediante a ligação com os objetos no ambiente externo (VALSINER, 2012). O uso dos signos viabiliza aos seres humanos, a organização de uma estrutura específica de comportamentos. Assim, a mediação semiótica habilita a pessoa com surdez para ir além de suas limitações sensoriais e desenvolver processos superiores baseados nas suas experiências visuais (KAPITANIUK, 2011).

Kapitaniuk (2011) resgata discussões de Vigotski sobre o signo e destaca a sua função mediadora dos processos superiores (atenção voluntária, percepção, memória e pensamento). Essa função atua como um meio para atividade interna dirigida, que regula as ações do

psiquismo humano. Para Vigotski (1988; 2000), os signos são mediadores na formação da consciência e atuam possibilitando transformações de processos interpessoais em intrapessoais. Essa atuação é a base para o seu argumento principal, que aponta para a constituição cultural do desenvolvimento psicológico humano.

Ele explica que a criança experimenta as primeiras relações sociais com os adultos. Nesta interação, ela constrói conhecimentos sobre objetos e sobre comportamentos de seus pares. Nesse funcionamento, desenvolve-se a intersubjetividade, uma experiência mediada por signos. No caso da criança com surdez (congenita) que nasce no mundo dos ouvintes, ela desenvolve uma espécie de sinais primários que Goldin Meadow (1985) chamou de sinais caseiros. Trata-se de um sistema gestual criado por crianças com surdez sem exposição a uma língua de sinais. Isto acontece porque, ainda que tenha habilidades cognitivas intactas, a criança com surdez não consegue se comunicar, mas a necessidade de interação com o meio social a impulsiona para a elaboração desse sistema gestual primário.

Vigotski (2000) fez uma analogia desse processo com o gesto de apontar. Ele observou que a tentativa de alcançar um objeto esticando a mão (um comportamento dirigido a um objeto) por exemplo, pode ser interpretado por um membro da família que reage estabelecendo um significado primário para a ação da criança sobre o objeto. Com o passar do tempo, a criança associa o seu movimento às respostas de sua família, e passa a regular esse movimento para obter respostas específicas das pessoas. Dessa forma, seu movimento se torna um signo internalizado.

Ao refletir sobre esses aspectos, Kapitaniuk (2011) destacou que a criança com surdez, diferente da ouvinte, aperfeiçoa uma capacidade cinésica (linguagem corporal constituída como signo de comunicação extra linguística) com intenção de modificar a reação dos adultos, uma vez que, a essência do uso de signos consiste em afetar o comportamento do outro. A criança com surdez aprende sobre objetos através de sinais - imagens sensoriais - que se vinculam à singularidade do objeto. Estas imagens se constituem como signos que, por sua vez, são internalizados à medida em que outra pessoa concebe uma mesma significação que é compartilhada culturalmente.

6.2 LIBRAS – a língua mãe natural

Nos casos das pessoas com surdez, a comunicação é exercida com a língua de sinais e, por isso, são caracterizadas como um grupo linguístico minoritário. A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS foi elaborada como uma nova organização de comportamentos culturais, para

funcionar como signos verbais e mediar a atividade social das pessoas com surdez. Nessa língua, os signos passaram por estágios conceituais primários até chegar em um nível de reconhecido refinamento. Vale salientar, que no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) só foi reconhecida como meio de comunicação e expressão da comunidade surda pela lei federal n. 10.436, de 24 de abril de 2002 (DUARTE *et al.*, 2013).

De acordo com o próprio termo da Lei nº 10.436/2002, assim como a Língua Portuguesa, a LIBRAS é outra língua utilizada no Brasil (BRASIL, 2002). Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS a forma de comunicação e expressão pertencente a um sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, e isso constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas com surdez do Brasil (SCHLUNZEN; BENEDETTO; SANTOS, 2012).

Pelo exposto em Lei, devemos pensar na LIBRAS como um idioma de mesmo estatuto que o inglês, francês ou qualquer outro, sendo, assim, utilizada e reconhecida em seu país de origem. Além disso, a LIBRAS é uma língua de sinais e cada país possui uma linguagem para as pessoas com surdez, como por exemplo: a *American Sign Language* (língua de sinais norte-americana); a *British Sign Language* (utilizada na Inglaterra) a *Lengua Española de Signos* (utilizada na Espanha; e a *Langue des Signes Française* (LSF) (utilizada na França) (SCHLUNZEN; BENEDETTO; SANTOS, 2012).

De acordo com Honora, (2009), a língua de sinais é natural, pois, surgiu do convívio entre as pessoas com surdez. Ela pode ser comparada à complexidade e à expressividade das línguas orais, visto que, por meio delas, pode-se transmitir qualquer conceito, concreto ou abstrato, emocional ou irracional. Trata-se de uma língua organizada e não de simples associação de gestos.

Schlunzen, Benedetto e Santos (2012) destacam que, em LIBRAS, cada palavra é representada por um sinal, por essa razão é incorreto caracterizar os sinais da LIBRAS como simples gestos ou mímicas, uma vez que, se diferem por regras gramaticais específicas. Os autores afirmam, ainda, que ela é efetivamente a língua materna das pessoas com surdez porque a emissão da comunicação é de responsabilidade das mãos e do corpo, por meio dos sinais e o receptor são os olhos. Dessa forma, diferem das orais-auditivas (como os ouvintes utilizam) em que o emissor é a voz e o receptor, os ouvidos.

Em pesquisas sobre a Língua Brasileira de Sinais numa perspectiva intersemiótica, Ribeiro e Sousa (2012) declararam que a LIBRAS é uma língua independente, um sistema próprio, isento de comparações e juízo de valor. Ela é como qualquer língua, um sistema de signos cuja origem remete a signos pré-existentes, dos quais ela é a tradução. Esse tipo de língua

traduz as imagens, os sentimentos e as concepções atuantes em volta das pessoas com surdez, com percurso que vai desde a percepção do objeto semiótico até a construção do significado, considerando-se como tradução, a transmutação do pensamento em linguagem, as relações que os sinais estabelecem com o meio e sua própria língua, seja em nível de tradução interlingual (LIBRAS e Língua Portuguesa) ou intralingual (a tradução dentro da própria língua de sinais) (RIBEIRO; SOUSA, 2012).

Esse caráter semiótico da LIBRAS vem dos seus elementos e, com isso, podemos afirmar que, assim como a linguagem verbal, todos os seus sinais são signos, pois são imagens capazes de substituir em ausência seu objeto. Tais sinais são entidades complexas que carregam em si o poder de representar seu objeto por convenção social (símbolo). Para Ribeiro e Sousa (2012), o fundamento de um sinal na LIBRAS é uma lei; a convenção social que atribui aos gestos, com parâmetros e características definidas, o valor de elemento linguístico.

A aquisição da língua de sinais por crianças com surdez se desenvolve, semelhantemente, como acontece às crianças ouvintes, a partir de oportunidades de um ambiente adequado para interação e troca de experiências entre os usuários desta língua. Como já comentamos anteriormente no presente texto, a linguagem é ferramenta importante tanto para comunicação, quanto para constituição e organização do pensamento. Na base dessa constituição incluem-se as experiências culturais da criança com surdez, que atuam no nível intrapsicológicos e nas relações interpessoais realizadas nos usos de linguagem (SILVA; SILVA; MELO, 2015). Para Vigotski (1984), durante a infância a fala é forma fundamental de experiência cultural.

Silva, Silva e Melo (2015) explicam ainda que, de acordo com as ideias de Vigotski, o cérebro humano é extremamente flexível e se adapta às circunstâncias diversas. Daí a facilidade da criança com surdez para desenvolver a LIBRAS de forma natural como uma criança ouvinte. Os autores destacam que a espécie humana é a menos pronta ao nascer. Então, o seu desenvolvimento depende fundamentalmente das oportunidades ambientais, para o exercício efetivo da flexibilidade do cérebro. Inclui-se nessas oportunidades, a interação com objetos e processos de diferentes níveis de complexidade, como as crenças, valores e costumes, aspectos possíveis pela natureza semiótica das experiências culturais constitutivas da função das linguagens, inclusive da LIBRAS.

É relevante lembrar que a LIBRAS não é usada exclusivamente pelas pessoas com surdez. Ela também se destina às pessoas surdo-cegas e até mesmo para pessoas com surdez que não possuem braços. As pessoas com surdez “escutam” com os olhos, através dos sinais direcionados a elas. Já as pessoas surdo-cegas usam o toque para “ouvir”; elas seguram as mãos

do emissor (pessoa que faz os sinais) para entender o que está sendo dito. Já as pessoas com surdez que não possuem braços/mãos fazem sinais com os pés, porém os sinais são adaptados para esse tipo de comunicação (SILVA; SILVA; MELO, 2015).

Além do público amplo de pessoas que incluem a surdez nas características do seu desenvolvimento, a LIBRAS pode ser aprendida e difundida também por seus intérpretes, que podem ser pessoas ouvintes especializadas para trabalhar com pessoas desse público (SCHLUNZEN; BENEDETTO; SANTOS, 2012). Wrigley (1996) destaca a importância do uso da língua de sinais nas sociedades como marca de uma auto afirmação cultural. Nas suas palavras, “uma, senão a, característica que define a autoidentidade como pertencente a uma minoria linguística ou étnica é ter e usar sua própria língua” (WRIGLEY, 1996, p. 14).

1. O bilinguismo como estrutura cultural

Em meados da década de setenta 70 os olhares para a língua de sinais começaram a ganhar destaque no mundo. Nessa mesma época, o linguista americano William Stokoe publicou o texto *Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf*. Seus estudos provocaram questionamentos que resultaram em uma prática de ensino combinando língua de sinais, língua oral, leitura labial e alfabeto manual, que ficou conhecido como método da Comunicação Total. Esta reviravolta nos anos setenta provocou em alguns países a ideia de independência entre as línguas, dando origem à filosofia bilíngue amplamente difundida nos anos noventa 90. Atualmente, no ensino de LIBRAS no Brasil convergem as três correntes filosóficas: o oralismo, a Comunicação Total e o bilinguismo. Os profissionais deste campo defendem que se deve considerar as contribuições de cada uma dessas correntes para a educação das pessoas brasileiras com surdez (RIBEIRO; SOUSA, 2012).

A história revela que o uso do oralismo como método único de ensino provocou um atraso na aprendizagem das pessoas com surdez, além de profundos traumas e bloqueios cognitivos. No que se refere ao método de Comunicação Total, este, com o passar do tempo, não alcançou a expectativa de abrangência das línguas de sinais, apontando o bilinguismo como o melhor método a ser utilizado. O bilinguismo defende que a língua de sinais deve ser aprendida como língua materna da pessoa com surdez, assim como a língua oral de seu país (no caso do Brasil, a LIBRAS e o Português). Neste método de ensino, o indivíduo deve se reconhecer como pessoa com surdez, criar comunidades e viver sua própria cultura, sem o

enfoque nos fatores patológicos que provocaram a surdez, mas para lidar com suas particularidades (RIBEIRO; SOUSA, 2012).

Felipe (2007) afirma que duas correntes influenciaram os estudos bilíngues: o gerativismo de Chomsky e o sociointeracionismo de Vigotski. Em meados da década de 20, Vigotski já reconhecia a importância da língua de sinais para crianças com surdez, como uma linguagem criada que levava em consideração sua habilidade psicológica para interação. Para ele, apenas o uso do método oral na alfabetização destas crianças foi um fracasso:

A criança surda-muda está como separada do mundo, desconectada de todos os vínculos sociais. Nela não encontramos um instinto social diminuído e sim aumentado, vontade para a vida social, ânsia de se comunicar. (...) sem educação alguma ou apesar dela, [as crianças surda-muda] desenvolveram e criaram sua própria linguagem, que surgiu dessa inclinação (...). Esta é a causa do nosso fracasso no desenvolvimento da linguagem oral nas crianças surdas-mudas (VIGOTSKI, 1997. p. 48).

Os defensores e adeptos do bilinguismo defendem a necessidade de um ensino sequenciado. Alguns argumentam que primeiro deve ser ensinada a língua de sinais, só então o ensino da modalidade oral e, por fim, a alfabetização (escrita) da língua de seu país. Outros defendem o ensino da língua de sinais e, posteriormente, apenas a modalidade escrita da língua oficial do país. Há, ainda, aqueles que afirmam que o ensino paralelo das duas línguas pode ser eficaz (FELIPE, 2007).

Bezerra e Fidalgo (2013) destacam que por meio do bilinguismo as pessoas com surdez convivem com duas culturas: a oral e a surda (família e professores ouvintes, amigos de comunidades surdas, etc.) e, frente a essa configuração de vida, tentam adaptar-se misturando aspectos das duas culturas. Pereira e Vieira (2009) *apud* Bezerra e Fidalgo (2013), apontam fatores como grau da perda auditiva, a língua usada na infância, tipo de educação, presença de pessoas com surdez na família, entre outros, que influenciam na adaptação ou não à cultura ouvinte. Dessa forma, as pessoas com surdez não só podem ser consideradas como bilíngues, como também biculturais.

Para Monteiro (2014), no biculturalismo, a língua é exercida como uma questão de fronteira, ora negociando pertencimento, ora representando singularidades. Esse funcionamento faz com que o autoreconhecimento das pessoas com surdez incorra em situação de tensão, considerando-se a permanente relação entre dois universos que se apresentam de forma anacrônica ao longo da vida, o que pode trazer implicações para a ontogênese dessas pessoas.

6.4 Comunidades surdas

A organização de comunidades é indispensável à sociabilidade das pessoas com surdez. Nesses casos trata-se de comunidades linguísticas, nas quais a comunicação entre pessoas com surdez é favorecida (BIGOGNO, 2017). Lopes e Veiga-Neto (2006) destacam que para que um grupo se constitua e se configure como uma comunidade, algumas condições são necessárias como, por exemplo, afinidades entre os diferentes indivíduos que constituem o grupo, interesses comuns que possam conduzir as ações do grupo por caminhos comuns, continuidade das relações estabelecidas, bem como, tempo e espaço comuns em que os encontros do grupo possam acontecer.

O ingresso numa comunidade surda leva ao sentimento partilhado de pertencimento. Esse sentimento emerge porque é a partir desse momento que a pessoa com surdez se reconhece usuário de uma língua própria, pois encontra-se no meio de pessoas iguais, que se compreendem mutuamente e experimentam situações diárias parecidas. A comunidade surda passa a ser o lugar onde a pessoa com surdez busca referenciais de identificação, representados por pessoas com surdez mais velhas na comunidade. Essas pessoas mais velhas que são consideradas como “maduras” passam a ser àqueles que orientam os mais novos. É com essas pessoas mais maduras que as pessoas com surdez mais novas conversam, trocam informações, e recebem ensinamentos (DALCIN, 2009).

Outra ideia importante acerca da comunidade surda refere-se à escolha da palavra surdo ao invés da definição deficiente auditivo (SASSAKI, 2008). Para eles, o termo “deficiente auditivo” corresponde a um modelo médico patológico e o termo surdo, a um modelo social (BIGOGNO, 2017). Algumas comunidades enfatizam mais os aspectos políticos, outras os aspectos referentes à língua de sinais e artes (PERLIN; MIRANDA, 2003). Para Perlin e Miranda (2003), nas comunidades surdas, recriam-se narrativas pessoais, lutas e discursos que servem de referência para essa cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confirmamos na apreciação do material bibliográfico que levantamos a partir de bancos de dados virtuais, uma diversidade no âmbito da conceituação de cultura, relacionada com a diferenciação de áreas e perspectivas teóricas-metodológica na Psicologia. Destacamos na nossa análise que a concepção de cultura como mediação semiótica é a única que explicita a relação entre língua (sistema de signos) e cultura. É, sobretudo, por esse aspecto que

defendemos a apropriação dessa concepção na nossa exposição de razões para o reconhecimento da cultura surda.

A principal razão para esse reconhecimento são as características do sistema de signos que caracterizam a língua de sinais - LIBRAS. Trata-se de signos visuais. Quando consideramos a relação entre língua e cultura e que essa relação é o princípio operante do funcionamento psicológico humano (como se defende nos pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski e nas suas versões sucessoras, por pesquisadores/as atuais, como, por exemplo, a Psicologia Cultural de Valsiner [2012]), então temos razão para afirmar que se configuram especificidades nos processos de significação decorrente da mediação/uso da língua de sinais. Em outras palavras, configuram-se especificidades na organização do pensamento e na produção de conceitos sobre as experiências no mundo nos casos de surdez.

Reconhecemos essas especificidades e somos favoráveis à caracterização da cultura surda, ao invés da aceitação de explicações no âmbito de modelos biomédicos que defendem a deficiência auditiva. Apoiamo-nos nas informações tecidas ao longo do presente texto sobre a habilidade para interação social das pessoas com surdez, que culminou na organização de uma língua própria, como reação ao fracasso do método tradicional de ensino oral do português (para as pessoas brasileiras com surdez).

Observamos, então, que no uso dessa língua própria, ativa-se o potencial de funções não afetadas pela surdez, através das quais, alternativamente, se exerce a comunicação e todos os seus corolários sobre o desenvolvimento humano. Como não reconhecer nesses usos e, conseqüentemente, nos processos de significação e produção de sentidos com eles relacionados, um exercício cultural? Com base nesses pressupostos, defendemos que na cultura surda, os processos semióticos se configuram de forma distinta daquela quando a língua se estrutura com morfemas. Mas essa configuração distinta não inviabiliza a comunicação, nem o desenvolvimento humano, que tem na relação entre a língua e a cultura sua fonte disparadora.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M. A. A, Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. **Revista Perspectivas**. São Paulo, vol. 02 n. 02, 2011. pp. 203-217.

ANDRADE, E. R.; SOUZA, E. R. Autoestima como expressão de saúde mental e dispositivo de mudanças na cultura organizacional da polícia. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, Vol.22, n.2, 2010. p.179-195. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652010000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Dez. 2019.

BENELLI, S. J. A cultura psicológica no mercado de bens de saúde mental contemporâneo, **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 4, n. 26, outubro – dezembro, 2009. pp. 515-536.

BEZERRA, V. S; FIDALGO, S. O sujeito surdo bilíngue: a construção do indivíduo surdo em meio a dois mundos e duas línguas. **Anais do VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**. Londrina, 2013 - ISSN 2175-960X.

BIGOGNO, P. **Cultura, comunidade e identidade surda**: O que querem os surdos? Minas Gerais. UFJF. 2017.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 19 de dezembro de 2020.

COTRIM, G. **Os Fundamentos da filosofia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

DALCIN, G. **Psicologia da Educação dos surdos**. Centro de Comunicação e expressão. UFSC. Curso de Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância, Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/psicologiaDaEducaoDeSurdos/assets/558/TEXTODASE_Psicologia_2011.pdf. Acesso em 07 de Nov. 2019.

DUARTE, S. B. R. *et al.* Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 20, n.4, Dez. 2013, p.1713-1734.

FAGUNDES, E. A.; SILVA, V. J. S. CULTURA SURDA E SEU EMBATE COM A CULTURA OUVINTE, **Rev. Anais EDUCERE**, Curitiba, 2015, PP. 26208 – 26221. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16897_7555.pdf.

FELIPE, T. A. **Libras em contexto**. 8ª ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

FERREIRA, M. C.; SEIDL, J. Mal-estar no trabalho: análise da cultura organizacional de um contexto bancário brasileiro. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Vol. 25, n. 2, pp. 245-254, Jun. 2009.

FURTADO, M. B.; PEDROZA, R. L. S.; ALVEZ, C.B. Cultua, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da Psicologia cultura. **Psicologia e Sociedade, Brasília**, Vol.1, n. 26, 2013. p.106-115.

GODOY, R. S. P; PECANHA, D. L. N. Cultura organizacional e processos de inovação: um estudo psicossociológico em empresa de base tecnológica. **Boletim Academia Paulista de Psicologia.**, São Paulo, Vol. 29, n.1, jun. 2009. pp. 142-163. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415711X2009000100012&lngt&nrmiso. Acesso em 21 Nov. 2019.

GOLDIN, M. S. Desenvolvimento da linguagem em condições de aprendizagem atípicas: Replicação e implicações de um estudo de crianças surdas de pais ouvintes. Em: Nelson, K.

(Ed.), **Rev. Linguagem Infantil**. Vol 5, 1985. pp. 197-245. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum & Associates.

HONORA, M.; FRIZANCO, E.; LOPES, M. Livro Ilustrativo da Língua Brasileira de Sinais. São Paulo: Ciranda Cultura, 2009.

KAPITANIUK, R. B. S. Cognição, cultura e funções sógnicas: uma análise da mediação semiótica no desenvolvimento histórico, social e linguístico do sujeito surdo. **Revista Ciências & Cognição**. Florianópolis, Vol. 16, n.2, 2011. pp. 050-064. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>.

KENDRICK, D. Um olhar vigotskiano sobre a surdez. **Rev. Web Artigos**. (online) vol. 1, 2010. Disponível em: < <https://www.webartigos.com/artigos/um-olhar-vygotskiano-sobre-a-surdez/52466>>. Acesso em 16 de Jun. 2019.

LOPES, M. C. VEIGA-NETO, A. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**, Florianópolis. v. 24. n. Especial. p. 81-100, jul./dez. 2006.

MARTINS, M.L.; RABATINI, G.V. A Concepção de Cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. **Psicologia Política**. Vol. 11, n. 22. Jul. – dez. 201. pp. 345-358.

MONTEIRO, R. M. G. **Surdez e identidade bicultural**: como nos descobrimos surdos? Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PEÇANHA, D.L.N. Cultura Organizacional e Saúde – contribuições da Psicodinâmica do Trabalho. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 29 n. 2, São Paulo, dez. 2009.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: _____ SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998

PERLIN, G; MIRANDA, W. **Surdos**: o narrar e a política. Ponto de Vista, Florianópolis, n. 5, 2003.

RIBEIRO, E. S.; SOUSA, E. S. A constituição Sógnica da libras: uma proposta intersemiótica, **Gelne**, 2012. Disponível em: <<https://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/Arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/Semi%C3%B3tica/Em%C3%ADlio%20%20A%20CONSTITUI%C3%87%C3%83O%20S%C3%8DGNICA%20DA%20LIBRAS%20UMA%20PROPOSTA%20INTERSEMI%C3%93TICA.pdf>> Acesso em 21 de novembro de 2019.

RIBEIRO, E. S.; SOUSA, E. S. A libras como tradução intersemiótica: um caminho para a compreensão do bilinguismo, **Realize**, Campina Grande, IV Fiped, 2012. Disponível em: <editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/f4e43f833897d0402a191fc97be2b_2760.pdf>. Acesso em: 09 de janeiro de 2020.

SÁ, N. L. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Rev. Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 28 de jul. de 2019.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpressão. da 16ª. ed. de 1996.

SASSAKI, R. K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In:_____. **Mídia e deficiência**, Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância e Fundação Banco do Brasil, 203, p. 160-165.

SCHLUNZEN, E. T. M.; BENEDETTO, L. S.; SANTOS, D. A.N. **O que é libras?** UNESP-Conteúdos didáticos de Libras. Acervo digital, 2012. Disponível em:<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47933/1/u1_d24_v21_t01.pdf> Acesso em: 08 Jan. 2020.

SENNA, N. C.; LIMA, K. N.S. A cultura surda a partir da linguagem dos quadrinhos. **RELAcult**. V. 05, ed. especial, Abr., 2019.

SILVA, L. O.; SILVA, W. C.; MELO, L. G. Desenvolvimento cognitivo do sujeito surdo no processo de aquisição da língua de sinais – libras, **Humanidades**, v. 4, n. 1, fev. 2015.

TEIXEIRA, V. L., e COUTO, L. F. S. A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana, 2010. **Psicologia em Estudo**. Acessado em 10 de novembro de 2019, a partir de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a16.pdf>.

VALSINER, J. **Fundamentos de psicologia cultural**: mundos da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1984/2000.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V**: fundamentos de defectologia. Madrid: Machado Libros, 1997.

WRIGLEY, O. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

MANUSCRITO 2: ASPECTOS NO TRÂNSITO ENTRE CULTURAS NA REABILITAÇÃO AUDITIVA

RESUMO

Apresentamos aqui um estudo de caso de um adulto que realizou implante coclear, mas que resistiu à reabilitação auditiva. Discutimos nesta pesquisa, sobre a relação entre língua e cultura para defender que as pessoas com surdez têm experiências culturais distintas das pessoas ouvintes. Com base na Psicologia Cultural, definimos cultura como mediação semiótica e reconhecemos que ela é constituída do pensamento e do desenvolvimento humano. O objetivo da presente pesquisa foi investigar como uma pessoa com surdez, que fez o implante coclear, experimenta a transição entre as culturas surda e ouvinte. No que se refere ao desenho metodológico, trabalhamos com análise de narrativas. Analisamos narrativas de pessoas com surdez acessadas na plataforma do *YouTube* e narrativas produzidas a partir de entrevistas episódicas mediadas por intérprete de LIBRAS, com um adulto de 20 anos de idade, que fez implante coclear aos 13 anos. Apoiamos a análise nas discussões sobre o papel do tempo narrativo, das características da enunciação e do funcionamento de vozes para a produção de sentidos. Nos resultados destacamos dois aspectos no trânsito entre as culturas surda e ouvinte: 1) especificidades na construção do sentido de temporalidade nas narrativas de uma pessoa com surdez justifica o reconhecimento de uma cultura distinta e 2) o diálogo contínuo das vozes, fomentou um conflito/tensão com base na experiência que confrontou possíveis “benefícios” de ser ouvinte com o amplo sofrimento, com dores e desconfortos, provocados pela escuta promovida pelo IC. Como conclusão, apontamos a necessidade de qualificação de profissionais para atuar no processo complexo que denominamos por trânsito entre as culturas surda e ouvinte. Alertamos que a reabilitação não se trata apenas da experiência com sons, mas, sobretudo, das transformações na forma como se experimenta as outras pessoas, as instituições, o mundo.

Palavras-chave: Surdez; reabilitação; cultura; narrativas.

MANUSCRIPT 2: ASPECTS IN CULTURE TRANSITION IN HEARING REHABILITATION

ABSTRACT

We present here a case study of an adult who underwent a cochlear implant, but who resisted hearing rehabilitation. In this research, we discuss the relationship between language and culture to defend that people with deafness have different cultural experiences from hearing people. Based on Cultural Psychology, we define culture as semiotic mediation and recognize that it is constituted by human thought and development. The objective of this research was to investigate how a person with deafness, who had a cochlear implant, experiences the transit between deaf and hearing cultures. With regard to the methodological design, we work with narrative analysis. We analyzed narratives of deaf people accessed on the *YouTube* platform and narratives produced from episodic interviews mediated by a LIBRAS interpreter, with a 20-year-old adult who had a cochlear implant at 13 years of age. We support the analysis in discussions about the role of narrative time, the characteristics of enunciation and the

functioning of voices for the production of meanings. In the results, we highlight two aspects in the transit between deaf and hearing cultures: 1) specificities in the construction of the sense of temporality in the narratives of a person with deafness justifies the recognition of a different culture and 2) the continuous dialogue of voices, fostered a conflict/ tension based on the experience that confronted possible “benefits” of being a listener with the ample suffering, pain and discomfort caused by the listening promoted by the CI. In conclusion, we point out the need for professional qualification to work in the complex process that we call transit between deaf and hearing cultures. We emphasize that rehabilitation is not just about the experience with sounds, but, above all, about the transformations in the way other people, institutions, the world are experienced.

Keywords: Deafness; rehabilitation; culture; narratives.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É plausível a declaração de que pessoas com surdez experimentam o mundo de forma distinta das pessoas ouvintes. Todavia, é menos frequente o reconhecimento de que, quando falamos de pessoas com surdez não falamos apenas de alguém diferente, mas referimo-nos a uma cultura singular. A base dessa distinção está nos usos da Língua de Sinais (LIBRAS) pelas pessoas com surdez e, como consequência, na composição e mediação semiótica e seus efeitos para os processos de significação com os quais essas pessoas atuam no mundo.

Ao passar pelo processo de reabilitação auditiva, uma pessoa com surdez congênita (de nascimento) transita entre sua língua e cultura materna (a língua de sinais e a comunicação visual) e a cultura dos ouvintes (no Brasil, o português, uma segunda língua que ativa a comunicação sonora). Esse possível trânsito que as pessoas com surdez experimentam, pôde ser observada, por diversas vezes, em um período de estágio no setor de Psicologia de um Centro de Reabilitação Auditiva pelo Sistema único de Saúde (SUS), localizado na Cidade de Maceió - Alagoas.

Durante o período de estágio, presenciamos situações em que pessoas com surdez expressaram sentimentos de tristeza e choro, diante da possibilidade da cirurgia para Implante Coclear - IC e de utilizar o dispositivo de reabilitação, o Aparelho de Amplificação Sonora Individual - AASI. Esse comportamento não era esperado, uma vez que, a finalidade do implante é possibilitar que essas pessoas passem a ouvir e supostamente “ascendam” à qualificação de pessoa “normal”.

Logo compreendemos que esse comportamento estava relacionado com a pressão da família ou com o envolvimento do discurso de profissionais do setor de psicologia, que argumentavam que a reabilitação auditiva levaria à conquista do bem estar em uma sociedade

predominantemente ouvinte. Mobilizadas por emoções, muitas pessoas com surdez aceitavam o processo cirúrgico para o IC. Todavia, depois da cirurgia, em um cenário permeado por inseguranças e conflitos, algumas dessas pessoas recusavam a utilização do ASSI e a aprendizagem da oralização, optando por permanecerem surdas e continuar com o uso da LIBRAS.

Esse cenário despertou-nos para questões relativas às implicações psicológicas do trânsito entre culturas com que algumas pessoas com surdez se envolvem. Na pesquisa que relatamos aqui, empenhamo-nos para responder a pergunta: quais as possíveis razões para que uma pessoa que faz o IC recuse o processo de reabilitação previsto como etapas pós-cirúrgicas? No caminho para responder essa questão, levantamos outra relacionada: quais os processos subjacentes ao trânsito entre culturas (surda e ouvinte)?

Há, entretanto, dois aspectos implícitos nessas questões, os quais consideramos relevantes e assumimos na presente pesquisa. O primeiro é a ratificação da cultura surda. A literatura aponta discussões no sentido de fortalecer argumentos sobre a experiência cultural distinta das pessoas com surdez. De acordo com Strobel (2008) a cultura surda refere-se à indivíduos que usam LIBRAS, os quais têm seu próprio modo de ver, entender, se comunicar e transformar o mundo. Com base nessas observações, destacamos o segundo aspecto implícito às nossas questões de pesquisa: a relação entre língua e cultura.

A pesquisa que descrevemos aqui foi orientada por esses pressupostos: a ratificação da cultura surda e a relação entre língua e cultura. O nosso objetivo central foi investigar como a pessoa com surdez que é submetida ao implante coclear e ao processo de reabilitação auditiva, experimenta o trânsito entre as culturas surda e ouvinte. Assumimos ainda, como objetivos secundários: a) Discutir sobre o conceito de cultura surda no âmbito da reabilitação auditiva; b) Refletir sobre aspectos necessários à preparação de profissionais de psicologia para atuar no processo da reabilitação auditiva; c) Sistematizar uma metodologia de análise de narrativas autobiográficas construídas a partir da língua de sinais. No que se refere aos aspectos metodológicos, realizamos um estudo de caso e trabalhamos com narrativas autobiográficas.

1. A RELAÇÃO LÍNGUA-CULTURA E A PESSOA COM SURDEZ

O termo cultura tem sido enredado de modo difícil ao longo da história das sociedades humanas, tanto no discurso cotidiano quanto no científico. Essa dificuldade deve-se ao fato de o termo implicar, de alguma forma, em uma espécie de modificação construtiva no curso natural das coisas na história. Isto é, com a expressão cultura apontamos para um mundo cultivado, no

qual os seres humanos transformam recursos naturais (próprios ou do ambiente) em significados, à medida que experienciam a vida. Desse modo, essa transformação, envolve o sistema psicológico humano. Cultura, então, efetiva-se como processos psicológicos (VALSINER, 2012).

De acordo com Valsiner (2012), cultura refere-se à mediação semiótica: processo pelo qual signos representam ou substitui algum objeto ou evento. Nessa perspectiva, a mediação semiótica se traduz como o princípio do funcionamento psicológico humano. De acordo com o autor, a mediação se organiza no nível intrapessoal (na diferenciação dos próprios sentimentos, pensamentos, memórias etc.) ou interpessoal, no momento em que se trata dos processos psicológicos emergentes em atividades de participação coletiva.

Nesses termos, a cultura surda envolve processos psicológicos das pessoas com surdez. Trata-se, portanto, de uma atividade humana não redutível ao diagnóstico de “deficiência”. Na atividade humana em que se envolvem pessoas com surdez, ativam-se signos não verbais com características de funcionamento (mediação) próprias, se comparado com a experiência e uma pessoa ouvinte. Com vistas para esses argumentos, discussões sobre cultura surda são necessárias, principalmente no âmbito da pesquisa científica, considerando-se sua força para impactar sobre os discursos sociais em outras esferas institucionais.

Endossamos as discussões de Valsiner (2021) e defendemos a concepção de cultura como mediação por signos, em outras palavras, mediação pela linguagem, que se organiza nos níveis intrapsicológicos e interpsicológicos dos indivíduos. Isto é, a linguagem, que nós seres humanos usamos para interagir com nossos semelhantes e construir conhecimento sobre o mundo, é uma ferramenta semiótica (VALSINER, 2012; VIGOOSKI, 1996). Assim, podemos dizer que a LIBRAS se constitui como cultura surda.

2. NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: TEORIA-MÉTODO DA PSICOLOGIA CULTURAL

2.1. Narrativas no tempo

Para Bruner (1986) na medida em que uma pessoa aprende a usar a linguagem, ela passa a expressar sentido às coisas a sua volta. Nesse funcionamento, as narrativas autobiográficas são formas de organização das experiências do *self* (si-mesmo) no mundo. Segundo Moutinho e Conti (2016), a narrativa é tomada como o “lugar” no qual as pessoas constroem sentidos em determinado tempo e espaço. Elas baseiam-se em fatos biográficos, pois as pessoas relatam

sobre as suas experiências de vida. Com isso, as pessoas imaginam presente, passado e futuro e, assim, constroem histórias com sentido para si mesmas.

Para Bruner (1997) a linguagem expressa na forma de narrativa se apresenta como construção de significados com base no tempo. Esse tempo não é medido por relógios, mas pelos eventos ou ações mais importantes dos indivíduos, que são experimentados como cultura. Narrativamente, é fácil avançar ou voltar no tempo e assim significar as experiências culturais. Ou seja, o tempo é o eixo principal para a negociação de sentidos constitutivos das narrativas. Para pesquisadores da Psicologia Cultural, o tempo é o fio condutor da interpretabilidade dos sentidos narrativos (BRUNER, 1997; LYRA; RIBEIRO; DeCONTI, 2018).

2.2. Enunciação e vozes nas narrativas: o enfoque de Bakhtin sobre a comunicação humana

No que se refere às narrativas, o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (1895-1975) tinha como centro de sua concepção de mundo, que os usos de linguagem pelo ser humano é endereçado aos seus semelhantes. Denota-se, então, que subjacente a produção de sentidos nas narrativas, ascende-se a característica de ação e, como consequência, o pressuposto ético dos usos de linguagem.

Essa visão de mundo levou Bakhtin (2003) à revisão de conceitos tradicionais da linguística. Nessa revisão ele desperta-nos um novo olhar, relacionado com o seu conceito de enunciação, que se apresentaria mais apropriado do que um certo sentido de passividade presente na linguística das frases e orações:

Nos cursos de linguística geral (inclusive em alguns tão sérios quanto o de Saussure) aparecem com frequência representações evidentemente esquemáticas de dois parceiros na comunicação discursiva - o falante e o ouvinte (o receptor do discurso); sugere-se um esquema de processos ativos de discurso do falante e de respectivos processos *passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte*” (BAKHTIN, 2003, p. 271; grifo adicionado).

O propósito de Bakhtin (2003) com o conceito de enunciação foi viabilizar a análise linguística da ação e do endereçamento nos usos de linguagem. Isto é, ascender uma visão sociológica das análises linguísticas. Para ele “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para

usá-lo, etc.” (*ibidem*). Na sua análise “uma oração absolutamente compreensível e acabada, se é oração e não enunciado constituído por oração, não pode suscitar atitude responsiva” (p. 280).

Convém-nos, então, reconhecer na ênfase de Bakhtin para o ato responsivo, constitutivo dos processos comunicativos, suas razões para tomar o diálogo (a experiência de duplo ou ambiguidade) como natureza ou princípio da vida humana. Ainda de acordo com ele “com base no material do diálogo e das suas réplicas, é necessário abordar praticamente o problema da *oração* como *unidade da língua* em sua distinção em face do *enunciado* como *unidade da comunicação discursiva*” (BAKHTIN, 2003, p. 276; grifo original).

A filosofia da linguagem de Bakhtin foi amplamente aplicada à sua análise de textos literários. A partir dessa aplicação ele nos oferta outro conceito que nos desperta para processos, até então fora do alcance do conhecimento produzido sobre a comunicação humana, a polifonia, uma qualidade distinta dos romances de Dostoiévski: Nas suas palavras “Dostoiévski é o criador do *romance polifônico*. Criou um gênero romanesco essencialmente novo. Por isso, a obra não cabe em nenhum limite, não se subordina a nenhum dos esquemas históricos-literários” (BAKHTIN, 2010, p. 5; grifo original).

No seu empenho para explicar essa peculiaridade da arte de Dostoiévski, Bakhtin (2010) destaca o entrelaçamento entre os usos de linguagem e as experiências socioculturais de personagens, autores e leitores, para dar visibilidade a uma dimensão eminentemente transitória no âmago das interdependências constitutivas das experiências humanas com a linguagem:

A categoria fundamental da visão artística de Dostoiévski não é a de formação, mas de coexistência e interação. (...) Dostoiévski procura captar as etapas propriamente ditas [de um desenvolvimento uno], em sua *simultaneidade, confrontá-las e contrapô-las* dramaticamente, e não estendê-las numa série em formação. Para ele interpretar o mundo implica pensar todos os seus conteúdos com simultâneos e *atinar-lhes as inter-relações em um corte temporal* (BAKHTIN, 2010; p. 31; grifo original).

Progressivamente, essa filosofia tem sido apropriada por pesquisadores no campo da Psicologia (LYRA, RIBEIRO; DECONTI; VALSINER *et al.*, 2001), que assumem os processos comunicativos como *locus* para a busca de informações sobre o desenvolvimento humano. Além do próprio teor dos princípios filosóficos apontados, essa progressiva apropriação se justifica, também, pelo que se interpreta como profecia do próprio Bakhtin, acerca da possibilidade de que seus pressupostos fossem aplicados à análise psicológica dos processos comunicativos humanos também em situações cotidianas. Para ilustrar, apoiamos nossa interpretação em uma passagem na qual ele se remete à dimensão política e social das

ações comunicativas emergentes na atividade artística. Julgamos que nessa passagem, ele indicia uma abrangência maior da dinâmica de vozes, implicada na sua menção à heterogeneidade autêntica e natural das sociedades humanas:

(...) o psicologismo de Dostoiévski, em suas criações positivas, não é subjetivo, mas realista. Seu psicologismo é um método artístico especial de penetração na essência objetiva da contraditória coletividade humana, na própria medula das relações sociais que inquietava o escritor, é um método artístico especial de reprodução de relações na arte da palavra...” (BAKHTIN, 2010; p. 42-43; grifo original).

Na medida em que o conceito de enunciação e vozes se remete à processos emergentes no âmbito dos usos de linguagem, apontando para uma heterogeneidade dinâmica relacionada com o alinhamento de falantes e ouvintes envolvidos em situações comunicativas, eles nos ajudam para explicar entrelinhas da relação entre língua e cultura. Essas entrelinhas são preciosas para nós, pois, como mencionamos anteriormente, assumimos a relação entre língua e cultura, como ponto de partida para ratificar a existência de uma cultura surda.

A partir do conceito de enunciação, interpretamos, por exemplo, que cultura tem duas dimensões, uma pessoal e uma coletiva, visto o papel eminentemente ativo tanto para falante quanto para ouvinte, tal como foi revelado a partir do conceito de enunciação. Complementando o preenchimento dessas entrelinhas, quando entrelaçamos as explicações sobre a enunciação com o conceito de vozes, capturamos a raiz social das reflexões pessoais e sua transitoriedade, constatando-se, dessa forma, a ambiguidade referida pelo autor, na base da busca pelo sentido das experiências no mundo.

A base da ambiguidade é abertura ou falta de acabamento que os usos de linguagem, na sua função de endereçamento e de responsividade, favorecem. Nesse funcionamento, falante antecipa futuro (a receptividade do ouvinte) e ouvinte resgata passado (resgata o que escutou do falante) em uma janela de tempo imediato limitado (presente) em que faz uso de linguagem e busca por um sentido (VIEIRA, 2016). A ambiguidade reside, então, na convergência de tempos diferente para o presente: passado inacabado, futuro como expectativa.

Em resumo, os sentidos para nossas experiências no mundo são tecidos com os recursos da língua e “corte temporal” (BAKHTIN, 2010; p. 31) procedido nessa tessitura, viabiliza a organização de culturas. Esses pressupostos encaminham-nos para um enfoque sobre construção de sentidos para o tempo no português e na LIBRAS, considerando-se as diferenças estruturais das duas línguas.

2.3. A temporalidade no português e na LIBRAS

Se resgatarmos as explicações sobre a relação entre língua e cultura tecidas no item anterior, somos inclinados a pensar que há diferenças na forma como falantes do português e da LIBRAS experimentam o tempo nos seus usos de linguagem e na produção de sentidos. Reconhecemos, todavia, controvérsias relacionadas com a experiência humana do tempo, um dos temas mais instigante para filósofos e cientistas. No texto *Entre o Tempo e a Eternidade*, Prigogine e Stengers (1992), por exemplo, levantam suspeitas de que o tempo antecede às experiências humanas. Bergson (2006) mobilizou muitas discussões entre filósofos e pesquisadores das ciências sociais e humanas, ao partilhar suas ideias sobre essa experiência através do seu texto *Duração e simultaneidade*. No âmbito da Psicologia, o tempo tem sido integrado às experiências humanas. Vigotski (1984) por exemplo, aborda-o como tempo histórico. Assumimos aqui, as discussões de Vigotski e Valsiner (2012) e concebemos o tempo como uma experiência semiótica (uma experiência na linguagem); isto é, como uma experiência cultural.

De acordo com Silva e Nogueira (2014), na língua portuguesa, o tempo é usado para indicar o momento em que acontece a ação. Para essa indicação, na maioria das vezes, distingue-se com flexões sua morfologia: pretérito (passado), presente e futuro. Na LIBRAS, a indicação de tempo ocorre de maneira diferenciada: ex: a) Pretérito - em português: Eu trabalhei, em LIBRAS: *ontem eu trabalhar*; b) Presente - em português: Eu trabalho – em LIBRAS: *agora eu trabalhar*; c) Futuro - em português: Eu trabalharei – em LIBRAS: *amanhã eu trabalhar*.

Observamos, então, a ausência da flexão verbal na LIBRAS e, para especificar o tempo, é necessário acrescentar sinais na sentença, itens lexicais ou sinais adverbiais, que indicam o passado, presente ou futuro, de forma mais direta (p. ex. ontem, amanhã, hoje, todo dia, semana passada, semana que vem). Dessa forma, não há riscos de ambiguidade, porque sabe-se que o que está sendo narrado, iniciou ou terminou com um item lexical que marca um tempo específico, por exemplo, no passado. Enquanto não aparecer outro sinal, expressão ou movimento que, quando combinados possam marcar outro tempo (presente ou futuro), a narrativa continuará sendo interpretada no passado (SILVA; NOGUEIRA, 2014).

Ainda na LIBRAS, os sinais que indicam temporalidade, podem vir, também, seguidos de movimentos do falante, como por exemplo: movimento para trás (para o passado), movimento para frente (para o futuro) e movimento no plano do corpo (para o presente). Outros sinais como o referente à palavra “ano” no português, requerem o acompanhamento de um sinal

que aponte para a ideia de tempo, como no passado, presente e futuro (SILVA; NOGUEIRA, 2014).

A LIBRAS não possui expressões verbais no gerúndio ou particípio; nela os verbos são conjugados apenas no infinitivo (andar, cair, ir, jantar). Dessa forma, é na tradução que a frase é adaptada à gramática do português, levando sempre em consideração a organização de cada situação expressa em LIBRAS, para a compreensão da pessoa ou grupo ouvinte a que está sendo direcionada. Vale salientar, que na tradução para o português, podem haver colocações de verbos ou palavras, ex: a) em LIBRAS: *Ela bonita* - em português: Ela é bonita. Nesse exemplo, o verbo ser foi acrescentado como componente necessário para trazer sentido às palavras na interpretação das sentenças, por ocasião da semântica básica da língua portuguesa. Caso a pessoa com surdez queira referenciar o tempo no passado, por exemplo (ela era bonita), ela incluirá sinais ou expressões que denotem esse tempo (GOES; CAMPOS, 2013).

Refletimos sobre esses pressupostos e argumentamos que, diferenças na forma como se constrói sentidos de temporalidade na LIBRAS e no português justificam, amplamente falando, o reconhecimento de que as pessoas com surdez têm experiências culturais com características distintas daquelas das pessoas ouvintes.

3. METODOLOGIA

Pressupostos da Psicologia Cultural nortearam esse estudo. Valsiner (2012) discutiu sobre teorias e métodos no campo da Psicologia Cultural alicerçados em processos semióticos. O autor declarou que, na Psicologia Cultural, a metodologia é um processo de construção de conhecimento. Isto quer dizer que “não depende de sofisticação das técnicas analíticas no tratamento do fenômeno, mas das estratégias gerais para onde olhar e o que assumir sobre o fenômeno” (VALSINER, 2012, p. 301). Nas suas justificativas para essa posição metodológica, o autor discute sobre um “ciclo epistêmico” (ibdem.) referindo-se a um esquema no qual integra-se, de forma interdependente, diferentes processos na atividade de pesquisa: teorias, fenômenos, dados, métodos e compreensões básicas do pesquisador sobre o mundo.

Em resumo, ele destaca que “a metodologia equivale ao processo cíclico de construção de conhecimento geral” (VALSINER, 2012, p. 302). Um desenho metodológico alinhado com esse pensamento, pressupõe, portanto, uma indissociação das teorias e dos métodos ao longo da construção de conhecimento a partir da pesquisa. Além disso, releva-se nesse desenho, a experiência intuitiva do pesquisador, na medida em que é este quem fomenta a integração dos diferentes processos constituintes da pesquisa.

Refletimos sobre esses pressupostos no desenvolvimento de um estudo de caso sobre um adulto com surdez que apresentou resistência à reabilitação auditiva, depois de ter sido submetida à intervenção cirúrgica para IC. A opção pelo estudo de caso foi porque esse tipo de pesquisa favorece à possibilidade de atenção para detalhes dos processos investigados (VENTURA, 2007).

3.1. Participantes da Pesquisa

Foi participante principal desta da pesquisa, uma pessoa do sexo feminino com 20 anos de idade. Por causa de sua surdez congênita, essa jovem foi submetida à cirurgia do IC aos 13 anos e passou pelo processo de reabilitação auditiva em um centro especializado, no qual é acompanhada atualmente no setor de Psicologia. O nosso conhecimento sobre esse caso foi na ocasião em que a autora da presente pesquisa estagiou no setor de Psicologia desse centro durante o ano de 2017.

Com o propósito de convidar esta pessoa para participar da nossa pesquisa, retornamos ao referido centro especializado em reabilitação auditiva e contatamos com responsáveis pelo seu atendimento no setor de Psicologia. Esclarecemos que a sua participação foi avaliada e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFAL - CEP (CAEE 28059919.5.0000.5013). Como requisito para essa aprovação, efetivamos essa participação através da sua assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ressaltamos que, antes de solicitar a sua assinatura esclarecemos suas dúvidas sobre o estudo, para assegurar uma participação voluntária.

Foram participantes também nesta pesquisa, de modo indireto, dois adultos, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, ambos com surdez. Esses adultos foram captados em dois vídeos acessados pelo canal *Youtube* e que serviram como base para nossa análise de enunciados nas narrativas produzidas em LIBRAS. Por fim, consideramos com participante também uma interprete de LIBRAS que mediou as entrevistas com a nossa participante principal, a jovem que fez o IC.

3.2. O papel do intérprete e sua preparação para a pesquisa

Considerando-se que este estudo envolveu uma pessoa com surdez, as entrevistas foram conduzidas com a mediação de uma intérprete (tradutora). Segundo Bigogno (2017), para a mediação entre a LIBRAS e o Português, ou o inverso, faz-se necessário o trabalho de

intérpretes, também chamados de tradutores de sinais. Moura e Cavalcante (2013) analisaram o trabalho de intérpretes e destacaram que eles atuam como mediadores de situações nas quais envolvem-se intenções comunicativas específicas, expressas em línguas diferentes. Para esses autores, a tradução de línguas envolve aspectos socioculturais do ato cognitivo linguístico. Durante sua mediação, o intérprete faz escolhas lexicais, estruturais e semânticas para endereçar a informação, preservando princípios éticos, no exercício da função social da tradução.

Para alinhar a intérprete de sinais com o desenho metodológico da nossa pesquisa, reservamos uma etapa para sua preparação, que consistiu em cinco momentos distintos. O primeiro momento foi para a entrega de um Manual da pesquisa com título *Manual do intérprete*. Esse manual foi elaborado pelo pesquisador com explicações sobre questões cruciais ao estudo tais como: a base epistemológica, os objetivos e os procedimentos metodológicos. O segundo momento foi para uma conversa com o intérprete sobre o Manual. Nessa conversa, o pesquisador ampliou o detalhamento das explicações sobre pesquisa, como oportunidade para esclarecimentos para possíveis dúvidas do intérprete.

O terceiro momento da preparação foi para uma simulação de situações de tradução de entrevistas com falantes em LIBRAS. Para essa simulação, utilizamos dois vídeos (acessados através do *Youtube*) relacionados com duas diferentes pessoas com surdez. Em cada vídeo uma pessoa com surdez falava sobre si-mesmo em LIBRAS. Os vídeos foram apresentados à intérprete por meio de um aparelho *smartfone* em volume zero (visto que tinha tradução em português no áudio). O objetivo da simulação foi a tradução da intérprete para o pesquisador, relativa à comunicação de cada pessoa com surdez apresentada nos vídeos. Dessa forma, pesquisador e intérprete puderam, experimentar e observar, de forma antecipada e preparatória, processos implicados na produção de sentidos, relacionada à situação comunicativa em LIBRAS traduzida para a língua portuguesa.

O quarto momento da preparação do intérprete consistiu em uma conversa sobre os aspectos que envolve o tempo narrativo, tanto na sua tradução, quanto na pesquisa. Nosso propósito, foi fazer anotações específicas e detalhadas sobre como a intérprete simbolizou o tempo narrativo na tradução dos vídeos. Nossa expectativa sobre essas anotações foi assegurar uma melhor apropriação das informações que seriam produzidas através dessa pesquisa. Por essa razão, solicitamos à intérprete para pausar os vídeos na medida em que o traduzisse. Desse procedimento resultaram algumas dúvidas relacionadas com a tradução do sentido de temporalidade. Decidimos, então, pelo agendamento de um quinto momento.

No quinto momento, tivemos em mãos (em folhas de ofício), a transcrição das traduções produzidas pela intérprete no encontro anterior. Marcamos nessa transcrição, palavras/situações

que julgamos expressar temporalidade, com cores diferenciadas para discriminar as noções de tempo de cada expressão (passado, presente e futuro). Escolhemos a cor amarela para as situações no tempo passado, azul claro para as situações no presente e rosa para as situações no futuro. Utilizamos também a cor cinza, para marcar outras expressões que sinalizam temporalidade, todavia, sem uma definição específica. Reproduzimos os vídeos novamente, dessa vez em um *notebook*, com volume zero, para que a intérprete apontasse nos vídeos, os momentos exatos em aquelas palavras/situações que estavam marcadas na nossa folha de papel eram expressas em LIBRAS. Para cada apontamento da intérprete, solicitamos que ela acrescentasse explicações para sua tradução daquelas situações específicas.

3.3. Procedimentos de construção de dados (Narrativas)

3.3.1. Narrativas autobiográficas divulgadas no Youtube (duas pessoas com surdez)

Essa etapa na construção dos dados consistiu em traduzir da LIBRAS para o português, três situações em cada vídeo (foram dois vídeos, utilizados na preparação da interprete, mencionada em secções anteriores), nas quais se configurem sentidos de passado, presente e futuro das experiências narradas. O objetivo desse procedimento, foi dar visibilidade aos recursos de cada língua (português e LIBRAS) para viabilizar a expressão do tempo nas narrativas.

3.3.2. Narrativas autobiográficas de uma pessoa com surdez acerca de sua experiência frente ao IC à reabilitação auditiva

Essas narrativas autobiográficas foram construídas a partir de cinco entrevistas episódicas mediadas por uma intérprete de LIBRAS. De acordo com Flick (2007), as entrevistas episódicas permitem que fatos históricos de um determinado caso sejam lembrados na forma de conhecimento narrativo episódico. As entrevistas realizadas na presente pesquisa, abordaram fatos da vida de uma pessoa com surdez relacionados com o seu IC e a sua experiência na reabilitação auditiva.

Considerando-se pressupostos teóricos que destacam o papel fundamental do tempo para a produção de sentidos nas narrativas autobiográficas (BRUNER, 1997; LYRA, RIBEIRO; DeCONTI, 2018), promovemos, como uma estratégia metodológica, oportunidades para a produção de sentidos sobre passado, presente e futuro das experiências da entrevista relacionadas com o IC e à reabilitação auditiva. Com o enfoque nos diferentes tempos da

experiência, fomentado nesta metodologia, privilegamos a atenção para a relevância que a historicidade assume na caracterização das narrativas autobiográficas e na produção de sentidos.

Para disparar as narrativas, o entrevistador (pesquisador) fez uma “pergunta gerativa” (FLICK, 2007, p. 173). Considerando que o foco da nossa investigação foi o trânsito entre as culturas surda e ouvinte, a pergunta gerativa apresentada para iniciar a primeira entrevista (cujo tempo verbal foi o passado) foi: “*Você poderia me falar um pouco sobre o momento em que soube da sua reabilitação auditiva?*”. Em resumo, realizamos cinco entrevistas: duas no passado, duas no presente e uma no futuro; isto é, durante as entrevistas controlamos o tempo verbal (passado, presente e futuro) das perguntas gerativas e das perguntas contextuais, que foram endereçadas à participante, as quais antes, foram traduzidas para LIBRAS com a mediação da intérprete.

Todas as entrevistas foram registradas em vídeos. A opção por esse registro foi para garantir condições para uma análise densa das situações comunicativas, que consideramos serem complexas, por integrar uma pessoa com surdez, um intérprete e uma pesquisadora. Além disso, ao longo das entrevistas, a intérprete traduzia de forma simultânea, do português para a LIBRAS (quando a pesquisadora fazia perguntas à entrevistada) e da LIBRAS para o português (quando a entrevistada respondia às perguntas da pesquisadora). Os registros das entrevistas em vídeos foram necessários também para que pudéssemos assisti-los para transcrevê-los em forma de história, a partir da qual destacamos as perguntas gerativas para as entrevistas seguintes.

Iniciamos cada entrevista com a leitura da história produzida pela participante na entrevista anterior (a própria participante conduzia a leitura). Após a sua leitura, indagamos regularmente para a entrevistada, se ela se reconhecia naquelas palavras e se gostaria de acrescentar ou retirar informações daquela história. Em seguida, apresentamos a nova pergunta gerativa (destacada da história produzida na entrevista anterior). Durante as entrevistas, a pesquisadora formulava, ainda, questões circunstanciais, com o propósito de detalhar e aprofundar as informações trazidas pela entrevistada.

Em resumo, a primeira e a segunda entrevistas foram realizadas no tempo passado. A pergunta gerativa que iniciou a segunda entrevista foi baseada em informações (já transcritas) da entrevista anterior. A terceira e quarta entrevista foram realizadas no tempo presente e a última no tempo futuro. O mesmo procedimento foi aplicado a partir da segunda entrevista: leitura inicial da história produzida na entrevista anterior, apresentação de uma pergunta

gerativa baseada em informação da entrevista anterior e o controle do tempo verbal das questões endereçadas pelo pesquisador à entrevistada através do intérprete.

3.4.Procedimentos para análise das narrativas

3.4.1. Análise dos enunciados nas narrativas acessadas no Youtube cumprindo-se as seguintes etapas:

- 1- Transcrição da tradução das narrativas de cada vídeo (usamos aqui a tradução que foi divulgada com o vídeo no YouTube);
- 2- Marcação dos termos que indicavam temporalidade nas narrativas;
- 3- Seleção de seis situações (três de cada vídeo) enunciativas que apontaram para os tempos passado, presente e futuro (com base na marcação referida no anterior);
- 4- Captação das imagens de cada sinal que compunha o enunciado;
- 5- Análise e explicações da tradução de cada sinal em LIBRAS para o português, com enfoque na expressão para a temporalidade em cada situação enunciativa;

3.4.2. Análise das narrativas produzidas nas entrevistas episódicas

Cumprindo-se as seguintes etapas:

1- *Leitura exaustiva das 5 narrativas*: todas as narrativas (duas no tempo passado, duas no tempo presente e uma no tempo futuro) foram transcritas e lidas com atenção por diversas vezes pelo pesquisador, com o intuito de familiarizar-se a apropriar-se dos seus processos de produção de sentido;

2- Após sucessivas leituras dos textos transcritos das narrativas produzidas no conjunto das entrevistas, sentimos “na pele” as razões que ascenderam as discussões de Bakhtin (2003) sobre “o problema das fronteiras do texto” (p. 308) e suas implicações quando tomado como objeto de análise nas ciências humanas. Resgatamos, então, dois momentos de suas discussões para apoiar a proposição de parâmetros para a nossa análise do texto das narrativas produzidas nas entrevistas episódicas. Como primeiro momento, referimo-nos às suas explicações sobre a relação entre tema e significação no texto:

Vamos chamar o sentido de uma enunciação completa o seu *tema*. (...) O tema da enunciação é na essência, irreduzível a análise. A significação da enunciação, ao contrário, pode ser analisada em um conjunto de significações ligadas aos elementos linguísticos que a compõem. O tema *é um sistema de signos dinâmico e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. (...) A significação *é um aparato técnico para realização do tema* (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1988, pp.128-129; grifo original).

Alinhamos essas explicações sobre a relação tema e significação com anotações que fizemos na fase de nossas leituras exaustivas das narrativas produzidas nas entrevistas que realizamos. Nessas anotações, comentamos que as narrativas se caracterizavam por uma diversidade de temas envolvidos na tessitura dos sentidos para história contada, os quais foram explorados com nuances pela entrevistada. Decidimos, então, que precisávamos conhecer sobre esses temas. Dessa forma, o segundo passo da nossa análise foi a definição de um critério para destacar unidades de significação/ temáticas.

Na busca por esse critério a partir de nossas leituras, destacamos situações frequentes, nas quais determinadas palavras foram repetidas várias vezes. Interpretamos que essas repetições poderiam sinalizar a predominância de uma determinada unidade de significação/tema (relacionado com a palavra ou expressão repetida). Assumimos como critério, então, a repetição de palavras ou expressões por no mínimo três vezes, como critério para demarcação de unidades de significação/temáticas, considerando as explicações de Bakhtin e Volochinov (1988) de que as unidades de significação eram aparatos técnicos analisáveis a partir de elementos linguísticos.

Como procedimento de análise, sublinhamos essas ocorrências. Em algumas configurações, articulamos a palavra repetida com sua substituição por outra que indicava o mesmo sentido. Isso significa que houveram situações em que a participante, narrativamente, remeteu-se às informações semelhantes através de palavras sinônimas. No quadro 1, apresentamos exemplos da aplicação desse critério na nossa análise.

Quadro 1 – Segmentação das unidades de significação/temáticas

Unidade de significação/ Temática	Enunciados
--	-------------------

Infelicidade	Em relação ao aparelho ou o implante, não lembro. Eu tirava, arrancava, era ruim! Em casa ouvia barulho. Eu sentia muita dor de cabeça e, às vezes, eu ficava vendo as conversas, então eu não queria usar! Eu acho que antes eu <u>não era feliz</u> , não sentia nada, <u>não tinha alegria</u> , sentia a cabeça doendo, <u>não tinha felicidade</u> . Sim, fiz implante coclear aos 13 anos.
Ouvir\ Barulho	Percebo <u>barulhos</u> , mas é melhor ficar sem <u>ouvir</u> nada, dormindo. Algumas vezes, minha mãe, fazia <u>barulho</u> , abria a porta ou quando o <u>som era alto</u> eu <u>ouvia</u> , me assustava, às vezes o <u>som</u> estava baixo e precisava aumentar para eu <u>ouvir</u> melhor e acordar e levava o susto, como também a luz, apaga e acende e percebo e acordo.

No exemplo 1, as expressões grifadas (não era feliz, não tinha alegria, não tinha felicidade) sinalizaram na narrativa, sentidos sinônimos. Na nossa análise, elas referenciavam uma unidade de significação/temática, que nomeamos por infelicidade. Processo semelhante se configurou no exemplo 2. A repetição da palavra barulho, relacionada com as palavras ouvir e som, foi interpretada como composição de uma unidade de significação/temática que nomeamos como barulho/ouvir.

3- Avaliamos, entretanto, que demarcação de unidades de significação/temáticas foi um procedimento preliminar, mas ainda insuficiente para análise da produção de sentidos relacionadas com as narrativas em estudo. Consideramos a possibilidade de outros processos relacionados à produção de sentidos que viabilizem explicações sobre a incidência das unidades de significação/temáticas em questão. Em outras palavras, a demarcação dessas unidades foi um passo inicial para explicações sobre as razões para especificidades de sua presença nas narrativas da pessoa entrevistada.

Argumentamos que esses processos se referem à dinâmica de vozes expressas no complexo funcionamento da enunciação, sobre o qual discutimos em seções anteriores. Então, o terceiro passo para a análise das narrativas da nossa entrevistada, foi a definição de uma estratégia para a análise do funcionamento de vozes, relacionadas com as unidades de significação/temáticas, na extensão ampla da enunciação sinalizada a partir das narrativas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Organizamos a apresentação dos resultados em duas etapas: 1) resultados da análise da tradução do sentido de temporalidade da LIBRAS para o português a partir das narrativas acessadas no *Youtube* e 2) resultados da análise das narrativas produzidas a partir das entrevistas episódicas. Como desdobramento separamos nesse segundo item a) resultados da demarcação

das unidades de significação/temática e b) resultados da análise do funcionamento de vozes na extensão enunciativa da história contada pela nossa entrevistada.

4.1. A construção distinta do sentido de temporalidade na LIBRAS e no Português: uma base para distinção de culturas

Para melhor acompanhamento das nossas interpretações, apresentamos imagens relacionada com a evolução dos enunciados analisados em LIBRAS, acompanha com a sua tradução na língua portuguesa. Destacamos, como resultado de nossa análise, que alguns sinais em LIBRAS são executados sem qualquer movimentação, usando-se unicamente a configuração de mãos, ponto de articulação ou expressões. No entanto, outros sinais são compostos com mais de um movimento, seja para cima, para baixo ou de um lado a outro, etc. Por esse motivo, em algumas situações utilizamos mais de uma imagem para referenciá-los;

Vídeo 1 - Situação 1 (*Enunciado no Passado*)



Na imagem A (situação 1), a personagem faz uso das mãos e da expressão facial para simbolizar o sentido de interrogação (no português a palavra *por que*); na imagem B, o sinal apontando para si-mesmo, indica-nos a sua autorreferência; esse movimento (apontar para si-mesmo) traduz a palavra *eu* do português. Nas imagens C e D, o sinal executado remete-se à expressão *nascer ou nascimento*. Aqui, a personagem executa o sinal com as mãos, movendo-as de cima para baixo. Por fim, as imagens E e F, compõe um sinal para referir-se à *condição de surdez* (no português a palavra *surdo*).

Observamos, então, que foi a partir da sucessão dos sinais ao longo de toda frase que se viabilizou o sentido de passado na LIBRAS (no português, *por que eu nasci surda?*). O passado foi então deduzido a partir de uma associação entre a indicação para si-mesmo (imagem B) e o sinal que indicou a expressão *nascer* (imagem D). Ao indicar para si-mesmo, uma pessoa que no presente já tem idade adulta, pressupõe-se que o uso da expressão *nascer* remete-se ao passado. A personagem fala do seu próprio nascimento. Em resumo, foi a integração dos sinais na LIBRAS que suportou o sentido de temporalidade, no caso, o passado. Considerando-se

essas particularidades, em uma tradução direta para o português, o verbo *nascer* assume sua forma infinitiva.

Vídeo 1 - Situação 2 (*Enunciado no Presente*)



Imagem A (nós) Imagem B (ter) Imagem C (difícil/dificuldade) Imagem D (difícil/dificuldade) Imagem E (todo dia/diariamente)

Na imagem A na situação 2, a personagem faz um círculo com o dedo indicador encostando no peito. No português, esse sinal é traduzido como o pronome *nós*. Na imagem B, o sinal com o dedo polegar sobre o peito e o indicador apontando para o lado esquerdo, refere-se ao verbo *ter*; as imagens C e D referem-se à palavra *difícil/dificuldade*, sinalizada quando a personagem passa o dedo indicador por sobre sua testa.

O sentido de temporalidade nesse enunciado, é viabilizado pelo sinal apresentado na imagem E, um movimento repetido com o dedo indicador na lateral da cabeça. No português, esse sinal é traduzido como *todo dia/diariamente*. Essa expressão é utilizada com muita frequência pelas pessoas com surdez, para se referir-se a um estado atual da informação ou, dito de outra forma para viabilizar o sentido de temporalidade, no caso, o presente. No português, o enunciado se traduz como: *Nós temos dificuldades diariamente*.

Vídeo 1 - Situação 3 (*Enunciado no Futuro*)



Imagem A (pra quê) Imagem B (tentar) Imagem C (lutar) Imagem D (mudar) Imagem E (mundo) Imagem F (mundo)

A imagem A, na situação 3, mostra-nos o uso de um movimento com as mãos em concha associado com uma expressão facial para indicar o sentido de interrogação (semelhante ao indicado na imagem A da situação 1). O sinal composto situação 3 (imagem A) é traduzido para o português como a expressão interrogativa *pra quê*. Na imagem B, a mão direita em concha utilizada para tocar a parte superior da bochecha, sinaliza a situação, que no português é traduzida como *tentativa* ou o verbo *tentar*; a imagem C mostra-nos o uso da mão direita em

punho fechado batendo repetidamente na mão esquerda. O movimento sinaliza o sentido de *luta*; na imagem D, observamos o movimento em que as duas mãos giram rapidamente em torno delas mesmas, indicando o sentido de mudança (no português, se traduz pelo verbo *mudar*); nas imagens E e F, o movimento sincronizado das duas mãos aberta é usado para sinalizar um globo girando e faz com que esse sinal seja traduzido no português como *mundo*.

Observamos, mais uma vez, que é a sucessão dos sinais ao longo da construção do enunciado que viabiliza o sentido de temporalidade. O sentido de futuro, nesse caso, foi viabilizado pela associação dos sinais que resultou na composição da expressão, *pra quê tentar lutar para mudar o mundo?* Interpretamos que essa foi uma forma ilustrativa de como se constrói o sentido de futuro nos usos da LIBRAS: para quê tentar lutar, para que algo mude futuramente?

Vídeo 2 - Situação 1 (*Enunciado no Passado*)



Imagem A
(número 5)

Imagem B
(anos)

Imagem C
(durante)

Imagem D
(eu)

Imagem E
(ter)

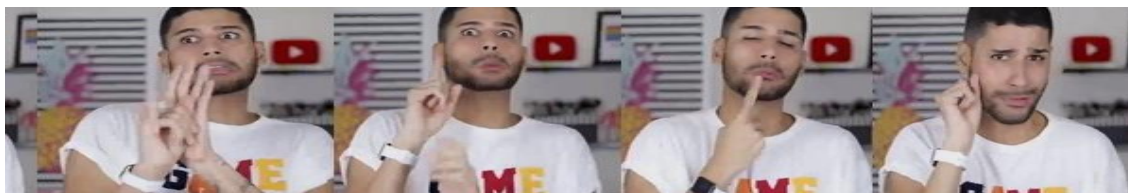


Imagem F
(identidade)

Imagem G
(surdo)

Imagem H
(surdo)

Imagem I
(ouvinte)

A imagem A da situação (vídeo 2), indica o *número 5* em libras, associado, com a expressão de um olhar distante, para denotar algo longe; a imagem B o movimento com as duas mãos, uma sobre a outra com a *letra S* em LIBRAS, indica no português a palavra ano. A imagem C mostra-nos um movimento das mãos de um lado para o outro, sinalizando a ideia de um tempo/período. A composição das três imagens ascende o sentido de temporalidade, no caso, o passado: o olhar distante, o número 5 e o sentido de período. No português essa composição pode ser traduzida como *durante 5 anos*.

A imagem D, mostra-nos, outra vez, o movimento de apontar para si-mesmo, agora associado com movimento com a cabeça indicativo de negação. A composição dos sinais, conduz-se, então, a expressão *eu não*. O sinal indicado na imagem E, no qual o polegar toca o peito está associado ao indicador na vertical, é traduzido no português como verbo *ter*. Com o

sinal indicado na imagem F, o falante de LIBRAS remete-se ao sentido, traduzido em português por *identidade*; A composição indicada pelas imagens G e H (também configurada nas imagens E e F no vídeo 1, situação 1) refere-se à condição de surdez. Por fim, o sinal com movimento de fechar e abrir a mão próximo ao ouvido, expressa a condição de *ouvinte*.

Quando seguimos a sequência dos sinais, podemos chegar à frase *no período de cinco anos eu ter identidade surda e ouvinte* (a tradução para o português oferecida no *YouTube* foi: *durante cinco anos eu não tinha identidade surda nem ouvinte*. Observamos, então, para a construção do sentido de temporalidade. O usuário da LIBRAS provoca uma análise extremamente situada, de unidades indissociáveis que se completam na comparação/constatação com aspectos imediatos da situação. No exemplo em questão, para a temporalidade, *durante cinco anos eu não tinha*, foi uma composição que integrou sinais, expressões faciais e movimentos dos olhos (longe), da cabeça (sinalizando não).

Vídeo 2 – Situação 2 (*Enunciado no Presente*)



Imagem A
(eu)

Imagem B
(mostrar)

Imagem C
(eu\minhas)

Imagem D
(experiências)

Imagem E
(visuais)

Imagem F
(visuais)

Na Situação 2 do vídeo 2, o sinal indicado na imagem A, apontar para si-mesmo para a autorreferência, foi também revelado nos exemplos anteriores (vídeo 1, situação 1, imagem B; vídeo 2, situação, imagem D). Trata-se do sinal para a palavra *eu*, no português. O sinal da imagem B consiste em tocar o dedo indicador esquerdo no centro da palma da mão direita, associado a um leve movimento para frente, remete-se ao sentido de apresentar. No português, esse sinal é frequentemente traduzido para o verbo *mostrar*. Na sequência, observamos novamente, o sinal para autorreferência (imagem C). Associado, agora, com o sinal indicado na imagem D, que consiste em deslizar as pontas dos dedos na própria face, fazendo pequenos círculos, a autorreferência se amplia para algo de mim, alguma coisa minha.

No português, essa composição foi traduzida como *minhas experiências*. O sentido da enunciação chega ao seu ápice com a apresentação dos sinais nas imagens E e F, que consiste em apontar para os próprios olhos na medida em que amplia a sua abertura (imagem E) e, para reforçar esse sentido desenha a letra “v”, duas vezes (com as duas mãos), como recurso dos dedos indicativos e médios. A sequência imediata dos sinais leva-nos a composição, *eu*

apresentar meu ver. No português, essa composição de sinais traduzida como: *eu mostro minhas experiências visuais.* O sentido de temporalidade deste enunciado, o presente, é uma construção eminentemente vinculada com aspectos pragmáticos imediatos. No caso deste exemplo, os aspectos são: 1) a possibilidade de se relacionar a autorreferência do usuário da LIBRAS, com o que o leitor dos sinais constata (no caso, a própria imagem do adulto do vídeo) e 2) relacionar essa constatação com a ausência de sinais indicativos de outras fases da vida (passado ou futuro).

Vídeo 2 - Situação 3 (*Enunciado no Futuro*)



O sinal indicado na imagem A (situação 3 do vídeo 2) consiste em fechar as duas mãos, fomentar uma maior visibilidade para os dois punhos orientados para baixo e movimentá-los como se estivesse dirigindo. Uma variação é apresentada na imagem B, agora com os punhos orientados para baixo, indicando o desenho de um guidão de motocicleta. No português, esses dois movimentos foram traduzidos como *carro e moto*, respectivamente. Na sequência, a composição do movimento com as mãos (imagens C e D) indica a direção para cima e, na enunciação, foi associado ao movimento de negação da cabeça. As imagens E e F, reforçam os sinais anteriores. Estas consistem em um movimento em que as mãos vão uma em direção a outra unindo-se. No português, esse movimento se traduz como a palavra *céu*. A sequência dos sinais guia-nos à formulação da frase, *carros e motos não sobem para o céu*.

O nosso propósito com a análise desse enunciado, foi exemplar a construção de sentido de temporalidade de futuro. Marcamos, então, a ausência de um indicativo claro para o futuro. Todavia, propositados essa reflexão, a partir do momento em que capturamos o sentido de futuro claramente divulgada na tradução do vídeo que acessamos no *Youtube*. Na tradução estava: *motos não vão para o céu*. Trata-se, portanto, do uso largo do verbo *ir*, que se estivesse escrito adequadamente versaria *irão*. Acusamos, então, a enorme dificuldade, nesse exemplo, para se construir o sentido de temporalidade futura na LIBRAS. Apesar da expressão verbal (*vão*) não está conjugada no futuro, as circunstâncias da enunciação em foco, denota a ideia de tempo no futuro, pois o usuário da LIBRAS no vídeo, pensava que os carros e motos não iriam\subiriam (futuro do pretérito) para o céu, por causa de uma placa de trânsito.

Nosso objetivo com essa etapa da análise foi dar visibilidade à construção do sentido de temporalidade na LIBRAS, para contrastar com a tradução no português. Na possibilidade desse contraste, investimos no fortalecimento de justificativas para a defesa de experiências culturais distintas das pessoas com surdez, em relação à pessoa ouvinte, considerando-se a construção semiótica distinta de sua língua e comunicação.

O contraste que provocamos ao longo da análise dos exemplos, revelou que a construção do sentido de temporalidade nos enunciados a partir do uso da LIBRAS, distingue-se por uma impossibilidade da separação de aspectos imediatos da situação comunicativa. Esses aspectos, que incluem aqueles veiculados nos movimentos (das mãos, dos olhos, da boca) constitutivos dos sinais e as expressões faciais globais (como aquelas usadas para indicar interrogação, por exemplo).

Enquanto na língua portuguesa o sentido de temporalidade é logo alcançado com o uso de terminações em fonemas (por exemplo, *anda/andou/andará* - presente, passado e futuro do verbo andar), a LIBRAS dependerá muito mais da própria pessoa enquanto ser histórico. Dessa historicidade decorrerá diferentes relações entre sinais, expressões e movimentos corporais, para viabilizar um sentido do tempo nas experiências narradas.

Argumentamos que o funcionamento linguístico/semiótico subjacente à construção de temporalidade da LIBRAS denota uma aproximação maior entre língua e a história do usuário dessa língua. Nesse sentido, a língua de sinais torna-se mais pessoal, a partir de sua maior abertura para a historicidade. A construção de temporalidade mostrou-nos situações em que o signo teve estrutura e função bem diferenciadas do português. Somos inclinados ao pensamento de que essas estruturas e esse funcionamento estão relacionados com formas distintas de ver e construir sentidos sobre a experiência de mundo. Dito de outra forma, outras formas de *Cultivo/Culturas*, enquanto manifestações da vida no mundo.

Como mencionamos anteriormente, o foco do segundo passo de nossa análise foi às narrativas produzidas a partir das entrevistas episódicas realizadas com uma pessoa que fez IC e, posteriormente, resistiu a reabilitação auditiva. A nossa análise dessas narrativas voltou-se, inicialmente, para a configuração de unidades de significação/temática. Ao fim da leitura do mapeamento (demarcação) dessas unidades, julgamos que havia processos relevantes à enunciação ainda não contemplados com esse procedimento. Acrescentamos, então uma apreciação da dinâmica de vozes subjacentes à configuração das unidades de significação/temáticas.

4.2. Unidades de significação/temáticas nas narrativas da nossa entrevistada

A demarcação das unidades de significação/temáticas foi organizada em um formulário, sobre o qual já tecemos explicações (inclusive sobre os procedimentos para aplicados na demarcação; ver quadro 1) no item metodologia do presente texto. Os quadros de 2 a 6 correspondem aos textos integrais das narrativas (duas no passado, duas no presente e uma no futuro) no formato diagramado (indicando as unidades de significação/temáticas demarcadas).

Quadro 2- Narrativa 1 (Passado)

Unidade de significação/ Temática	Enunciados
Infelicidade	Em relação ao aparelho ou o implante, não lembro. Eu tirava, arrancava, era ruim! Em casa ouvia barulho. Eu sentia muita dor de cabeça e, às vezes, eu ficava vendo as conversas, então eu não queria usar! Eu acho que antes eu <u>não era feliz</u> , não sentia nada, <u>não tinha alegria</u> , sentia a cabeça doendo, <u>não tinha felicidade</u> .
Ouvir	Sim, fiz implante coclear aos 13 anos. A primeira vez me senti diferente, estranha. <u>Ouvi</u> um movimento, conversas, <u>ouvi</u> materiais, mas a primeira palavra foi macaco, eu <u>ouvi</u> ! A fono tapou a boca e falou outra vez a palavra macaco, depois também <u>ouvi</u> , outra palavra, meu nome, chamou meu nome, eu <u>ouvi</u> .
Dor/ Chorar	Um pouco feliz, antes do implante me sentia estranha, mas depois do implante tentei usar. Meu sentimento, eu <u>chorei</u> , <u>doeu</u> , não fiquei emocionada, estranho, e eu tirei, não gostei, aumentou o ouvido direito e esquerdo, e eu tive um susto, eu <u>chorei</u> , não quis usar, começou a <u>doer</u> muito a cabeça, passou 1, 2 meses e tudo <u>doía</u> , a orelha <u>inchou</u> e ficou <u>dolorida</u> , eu não gostava.
Ouvir\ Barulho	Percebo <u>barulhos</u> , mas é melhor ficar sem <u>ouvir</u> nada, dormindo, algumas vezes, minha mãe, fazia <u>barulho</u> , abria a porta ou quando o <u>som</u> era alto eu <u>ouvia</u> , me assustava, às vezes o <u>som</u> estava baixo e precisava aumentar para eu <u>ouvir</u> melhor e acordar e levava o susto, como também a luz, apaga e acende e percebo e acordo.
Falta comunicação	Sim, muito difícil. Tem minha mãe e tem duas tias, mas a vovó sabe <u>nada de libras</u> , <u>falta comunicação</u> . Me sentia sozinha, a família ali <u>conversando</u> e eu <u>sozinha</u> , parece que a família tinha esquecido que eu era surda.

Quadro 3 - Narrativa 2 (Passado)

Unidade de significação/ Temática	Enunciados

Sem ouvir fico calma	Porque eu <u>sem ouvir nada</u> , <u>fico mais calma</u> , mais <u>tranquila</u> , mais em <u>paz</u> e ouvir é confuso, barulhento. Por um lado, é bom e por outro ruim, o lado bom é que eu <u>fico em paz, não ouvindo nada</u> ,
Ouvir\ Barulho	e o lado ruim, eu sentia, tremia, na rua tinha muito <u>barulho</u> , motos, carros, <u>ouvía</u> o <u>barulho</u> no São João, as bombas, o movimento. Depois do implante, antes não <u>ouvía</u> muito. A primeira vez que <u>ouvi</u> os fogos, eu chorei porque doía. Antes do implante <u>ouvía</u> pouquinho, depois do implante <u>ouvía</u> mais alto e depois de um ano da cirurgia, eu guardei, não quis usar.
Falta comunicação	Sobre a família? Minha família ficava <u>conversando</u> , eu <u>perguntava</u> e eles não <u>respondiam</u> ,
Sozinha\ Esquecida	<u>esqueciam</u> que eu era surda e depois percebiam, nas festas de família sempre <u>esqueciam</u> . Me sentia <u>sozinha</u> . Não me chamavam nas festas e eu ficava com meus amigos no celular conversando, porque eles estavam conversando e eu <u>sozinha</u> .
Falta comunicação	Na minha família todo mundo ouvia e no meu grupo de amigas todo mundo era surdo, na minha família <u>não conseguia me comunicar</u> , mas com minhas amigas sim, <u>não tinha interação</u> com a minha família, eu sentia apoio da minha família, mas <u>não tinha comunicação</u> , sempre <u>faltou comunicação</u> , tinha barreira.
Amigas	Pelas <u>amigas</u> , era melhor ficar com minhas <u>amigas</u> , com o grupo <u>delas</u> , porque <u>elas</u> sabiam da minha vida,
Família não entende	e a minha família <u>não entendia</u> , <u>não sabia</u> da minha vida, <u>não se importavam</u> , <u>sabem pouco</u> da minha vida.
Falta comunicação	Triste. Eu lembro a família tudo <u>conversando</u> e eu <u>não entendia</u> , cada um no seu lugar, não se importavam com a minha vida, <u>não conversavam comigo</u> , <u>não tinha comunicação</u> , nem interesse sobre mim, eu <u>não falava sobre mim</u> , ficava triste, só minhas amigas percebiam e sabiam sobre mim.

Quadro 4 - Narrativa 3 (Presente)

Unidade de significação/ Temática	Enunciados
Não Identificado	A minha família entende, eles não me incentivam a usar o aparelho, também não concordo.
Não gosto [do aparelho]	Eu <u>não gosto</u> , <u>não quero</u> usar, ouço muito barulho, o meu pensamento de ontem e hoje é igual, <u>não gosto</u> . O médico passou um exame de ressonância magnética eu não pude fazer, por causa do implante na minha cabeça, começou a apitar, em alguns lugares como no banco, apita, eu fico limitada de ir a alguns lugares, me sinto triste, eu <u>me arrependi</u> de ter feito a cirurgia do implante.
Cultura/ Comunidade Surda	Penso que é importante, penso que a minha família precisa aprender libras, a sociedade também, aprender, pra olhar pro <u>surdo</u> , pra ter contato, pra ser importante, pra conhecer a <u>comunidade surda</u> , é importante pra ter comunicação com o <u>surdo</u> , pra conhecer a <u>cultura surda</u> . É importante a sociedade, a família, todos precisam dessa comunicação, desse contato. Sim, faço parte de uma <u>comunidade surda</u> , acompanho o grupo.

Aprendizagem	É bom! É importante porque trás <u>informações</u> de várias coisas, se ajudavam no desenvolvimento, na <u>aprendizagem</u> , tem ajuda, <u>aprende</u> coisas. Faço parte da Íris (escola bilingue) e também tinha comunidades surdas na Tavares Bastos (escola que estudou),
Inimizades	lá tinha muitos grupos de amigos e <u>inimigos</u> . Eu tinha um <u>inimigo</u> , um homem, ele não gostava de mim, não sei por que, era <u>inimigo</u> . Sim, ele era surdo. Lá na Tavares Bastos, os ouvintes ficavam olhando, e tinham curiosidade e interesse de aprender. Eu tinha amigos ouvintes, homem e mulher, os dois,
Falta Intérprete	fico infeliz porque falta <u>intérprete</u> . Falta <u>intérprete</u> nos lugares, nas escolas para os alunos aprenderem e, se somasse na sociedade esses <u>tradutores</u> e <u>intérprete</u> nesses lugares que faltam,
Surdo é minoria	teria melhor entendimento para o <u>surdo</u> . Não sei qual o sentimento, mas o meu desejo era que todos fossem <u>surdos</u> , que os <u>surdos</u> fossem a maioria, mas é um grupo menor, é minoria e os ouvintes são maioria. Me sinto triste, queria que fossem todos iguais, <u>surdos</u> e ouvintes
Preconceito na comunicação	assim, não existiria <u>preconceito</u> , algumas pessoas ouvintes têm <u>preconceito</u> com os surdos. Quando vê o surdo, ficam se <u>comunicando</u> , <u>falando</u> , aquela <u>conversa</u> e sabem que o surdo não entende, porque o surdo percebe e faz <u>leitura labial</u> , e às vezes, viram o rosto, ficam <u>calados</u> , eu não consigo entender. Hoje é menor, antes era muito o <u>preconceito</u> com as pessoas surdas, hoje, as pessoas entendem um pouco, conhecem um pouco, antes o <u>preconceito</u> era muito pior.
Acessibilidade para o surdo	Hoje, tem mais <u>acessibilidade</u> , com as legendas, os aplicativos, eu ficava triste, mas hoje, tem mais <u>acessibilidade</u> para o surdo, melhorou. Antes as legendas eram pequenas, pra quê, como ia perceber? pra quê? se não entendia o que falavam e nem via, era ruim. Mas hoje, as legendas está com mais <u>acessibilidade</u> para o surdo.

Quadro 5 - Narrativa 4 (Presente)

Unidade de significação/ Temática	Enunciados
Cultura Surda/ Surdo é capaz	Eu acho que a <u>cultura surda</u> é importante pra o desenvolvimento e pra mostrar pros ouvintes, pra sociedade pra conhecer a <u>cultura surda</u> pra ter um olhar de desenvolvimento, um exemplo: pra as pessoas virem que o <u>surdo é capaz</u> , e hoje ter esse olhar que <u>ele é capaz</u> em tudo, que ele <u>pode fazer tudo</u> , que <u>ele é capaz</u> .
Cultura Surda	O que eu falaria pra sociedade? Que antes a sociedade precisa se aprofundar na <u>cultura surda</u> e conhecer o desenvolvimento da <u>cultura surda</u> , precisa <u>aprender LIBRAS</u> precisa ajudar o surdo, independente.
Comunicação é acessibilidade	Em qualquer lugar falta <u>comunicação</u> e a sociedade entender que precisa ajudar o surdo e ter <u>acessibilidade</u> , é importante pra se <u>comunicar</u> com o surdo. Precisa <u>não ter barreira</u> em todos os lugares, o médico é importante também saber, no banco, pra ter <u>acessibilidade</u> em vários lugares, falta <u>comunicação</u> .

Falta de comunicação é dependência	Os filhos são sempre sustentados pela família e o surdo é capaz de conseguir trabalho, de ser livre. Eu <u>nunca fui ao banco sozinha</u> , pra receber, pagar, como vou dar o dinheiro? sempre vou com minha mãe, não tem <u>comunicação</u> e <u>ir sozinha, ela não deixa</u> . Ir ao médico também é ruim, quantas vezes, fui ao médico e <u>não tinha comunicação</u> , precisava sempre tá <u>escrevendo</u> pra o médico entender.
Dependência	É difícil, eu sempre me sinto mal, de sempre estar entrando com a minha mãe nos lugares, ela me <u>acompanhando</u> sempre, em banco <u>nunca fui sozinha</u> . Me sinto mal, em todos os lugares, fazer tudo sempre, entrar em banco, médico, tudo, sempre tenho que ir <u>acompanhada</u> , ela <u>segurando a minha mão</u> . Tenho <u>vontade de fazer as coisas sozinha</u> , que em qualquer lugar tivesse acessibilidade, que fosse <u>fácil eu ir sozinha, mas não tem</u> .
Intérprete	É importante ter <u>intérprete</u> , ele saber português, escrever, em todos os lugares para o surdo, nas televisões, ter uma legenda maior, ter <u>intérprete</u> , nos shoppings falta <u>intérprete</u> , nos cinemas, tem barreiras, faltam legendas no cinema, é bem pequena, então só olho as bocas, faço a leitura, então eu não gosto. É diferente pra todos se você ter um <u>intérprete</u> , de aqui só ter a legenda, e aqui você ter uma pessoa sinalizando em libras. E no médico é importante ter <u>intérprete</u> pra poder ajudar, no médico, no banco pra família não ter que está sempre ajudando, pra eu poder ir sozinha. Ter nos lugares <u>intérpretes</u> , acessibilidade pra ter comunicação, acessibilidade. Também, se você chama um amigo, ou <u>intérprete</u>
Ética	ele não tem, às vezes, a <u>ética</u> , já um profissional, um médico tem <u>ética</u> , os <u>segredos de cada um</u> eles podem <u>falar pra outros</u> , é importante, um exemplo: o paciente vai <u>contando as coisas</u> , vai <u>falando sobre a vida</u> , ai o médico vai <u>colhendo</u> , e quando encontra um amigo ele não vai está falando, é diferente de um amigo que pode falar. Com o amigo a <u>confiança</u> é quebrada, não <u>confio</u> ,
Profissionais	por isso, é importante qualquer <u>profissional</u> , aprender libras, pra não precisar sempre de intérprete. No futuro, eu quero trabalhar como <u>psicóloga</u> , pra ajudar a sociedade, a todos, e os <u>médicos</u> pra que tenha mais acessibilidade.

Quadro 6 - Narrativa 5 (Futuro)

Unidade de significação/ temática	Enunciados
LIBRAS: conhecimento e aprendizagem	Eu no futuro quero trabalhar pra ajudar a aprender <u>LIBRAS</u> , o surdo e principalmente o ouvinte, pra aprender <u>LIBRAS</u> e estimular o desenvolvimento da <u>LIBRAS</u> , pra que todas as pessoas <u>conheçam</u> o surdo, a comunidade surda, pra acabar com o preconceito, as barreiras, pra os ouvintes <u>conhecerem</u> e <u>aprenderem</u> , a comunidade em si pra que todos os profissionais trabalhem pra ajudar o surdo, que cada profissional saiba <u>LIBRAS</u> , e consiga ter uma melhor comunicação pra não precisar mais de intérprete sempre junto,
Futuro	no <u>futuro</u> , é assim que eu penso. Agora é difícil pros médicos, mas no <u>futuro</u> , eu quero ampliar isso, vai ser melhor pra saúde, pra quando o surdo for entrar em banco, pra não ter barreira e ter acessibilidade. É isso que eu quero pro <u>futuro</u> , pra que todas as pessoas saibam, todos os profissionais.

Aprendizagem	Os surdos deviam <u>estudar</u> juntos, numa escola bilíngue, separados dos ouvintes, pra estimular pra <u>aprender</u> , pra ter um professor pra <u>ensinar</u> português, todas as disciplinas em libras, porque o surdo não <u>aprende</u> , não <u>compreende</u> .
Escola: não tem inclusão	porque fala de <u>inclusão</u> , mas não tem <u>inclusão</u> . A maioria dos estados não tem <u>escola</u> bilíngue, só em São Paulo, no Íris, no Rio de Janeiro, que têm, <u>escola</u> pra surdos, pra todos os surdos, mas nos outros estados não têm. <u>Estudei particular</u> antes, mas foi ruim,
Não tem intérprete	<u>não tinha intérprete</u> , ficava procurando escola, e era difícil encontrar <u>intérprete</u> . Na Tavares Bastos (escola pública que estudou) <u>só tinha um intérprete</u> . Eu estudei na Rotary, mas mudei pra Tavares bastos, tinha <u>intérprete</u> , mas estudavam juntos surdos e ouvintes, <u>faltava intérprete</u> para disciplinas todas.
Ajuda/apoio para o surdo	No futuro, eu quero <u>ajudar o surdo</u> , a família a <u>aceitar o surdo</u> , o <u>apoio</u> da família. Um exemplo: <u>o surdo precisa de ajuda, de apoio</u> ,
Surdos são capazes	a família acha que ele não é <u>capaz</u> , eu quero ajudar a aconselhar que o <u>surdo é capaz</u> , no futuro, e vou aconselhando o surdo. Eu vou mostrar aos profissionais, um exemplo: o surdo <u>não precisa</u> fazer leitura labial, <u>não precisa</u> tá escrevendo, que <u>não precisa</u> de intérprete, que pode ter comunicação, que o profissional precisa aprender libras pra ter comunicação, eu quero mostrar.
O surdo tem voz	Mostrar que o surdo é diferente, que existe diversidade dentro da comunidade surda, alguns tem a <u>voz</u> , outros não, tem surdo que <u>oraliza</u> e tem surdos que é só libras, tem surdo que faz português sinalizado. Eu quero mostrar aos profissionais pra eles entenderem os tipos diferentes dentro da comunidade. Acham que o surdo é <u>mudo</u> , mas não, o <u>surdo tem voz</u> , acham que tem problema na <u>fala</u> , mas não, o surdo não <u>fala</u> porque não ouve direito, <u>o surdo não é mudo, ele tem voz</u> . Mostrar aos profissionais que ele só não fica <u>falando</u> , que o <u>surdo pode falar palavras através da LIBRAS</u> , que não tem que escrever.
Vergonha de falar/da voz	O problema é que o surdo fica com <u>vergonha de falar</u> , porque é <u>diferente da voz do ouvinte</u> , por isso ele <u>fica calado</u> , com <u>vergonha</u> . Na minha família eu falo, por que são acostumados com meu tipo de voz, lá fora, na sociedade, não, eu fico calada, tenho <u>vergonha</u> .
A voz do surdo é diferente	Porque a minha família tá <u>acostumada com a minha voz</u> , a sociedade não; acha <u>estranha a voz do surdo</u> . Um exemplo: a família tá acostumada e a sociedade fala, fala, fala e vê <u>como estranho</u> , como os países que tem <u>outras línguas</u> que acha <u>diferente do Brasil, do português, do inglês</u> , então o ouvinte tem uma <u>voz</u> e o <u>surdo vai ter uma voz diferente</u> .
Olhem para os surdos! Não esqueçam os surdos!	Que a sociedade <u>veja que o surdo</u> tem vida, que <u>não esqueça</u> da vida do <u>surdo</u> , que <u>não seja esquecido</u> pela sociedade, que tenha esse <u>olhar amplo</u> no futuro pra <u>comunidade surda</u> , pra <u>cultura surda</u> , e que a sociedade tenha um <u>olhar maior</u> , que <u>o surdo</u> existe, que <u>os surdos</u> não são poucos, que tem <u>muitos surdos</u> , são <u>mais de dez milhões</u> no mundo, e a sociedade precisa olhar, perceber, incluindo <u>o surdo</u> na sociedade, a comunidade <u>surda</u> , que ele é diferente.

4.3. Frequência e agrupamento de unidades de significação/temáticas (passado, presente e futuro)

No quadro 7, a frequência das unidades de significação/temáticas demarcadas nas narrativas com o sinal +. Uma apreciação desse quadro 7, revelou-nos, também, algumas unidades transversais; isto é, unidades que se configuram em mais de um tempo das narrativas. Foram unidades de significação/temáticas transversais: *falta de comunicação* (passado e presente); *falta intérprete* (presente e futuro); *aprendizagem* (presente e futuro); *acessibilidade/apoio para o surdo* (presente e futuro). Uma avaliação desses dados, levou-nos à interpretação de que eles apontam, predominantemente, para a comunicação, ou melhor, para as queixas relacionada com os problemas para acessibilidade, que tem como principal entrave, a falta de intérprete.

Sinalizamos em secções anteriores do presente texto que, nas nossas leituras das histórias contadas pela nossa entrevistada, capturamos outros processos na produção sentidos, os quais não foram alcançados com a demarcação das unidades de significação/temáticas. Entretanto, consideramos essa demarcação um passo importante para questão posterior: Qual é a razão para a predominância dessas unidades de significação/temáticas nas histórias contadas pela nossa entrevistada?

Quadro 7: Frequências de unidades de significação/temáticas

PASSADO	PRESENTE	FUTURO
1. Infelicidade + 2. Ouvir+ 3. Doer/Chorar + 4. OUVIR\BARULHO +++ 5.FALTA DE COMUNICAÇÃO ++++ 6. Sem ouvir fico calma + 7. Sozinha e esquecida + 8. Amigas + 9. Família não entende +	1.Não gosto do aparelho + 2.CULTURA/COMUNIDADE SURDA (surdo é capaz) +++ 3. Aprendizagem + 4. Inimizades + 5. FALTA INTÉRPRETE +++ 6. Surdo é minoria + 7. Acessibilidade para o surdo + 8. COMUNICAÇÃO (falta de comunicação é dependência; falta interprete; preconceito na comunicação, comunicação é acessibilidade) +++++	1. LIBRAS: Conhecimento e aprendizagem ++ 2. Futuro + 3. Escola: Não tem inclusão 4. Falta intérprete + 5. Ajuda/apoio para o surdo + 6. Surdo são capazes + 7. VOZ (surdos têm voz; vergonha da voz; voz diferente) +++ 8. Olhem para o surdo; não esqueçam os surdos +

Essa pergunta foi oportuna, pois, com ela destacamos outra observação: ao longo das nossas leituras, capturamos indicadores de conflitos/tensões experimentados pela entrevistada, no curso de sua negociação de sentidos para suas experiências decorrentes do IC e da reabilitação auditiva. Organizamos (abaixo) uma sequência de recortes de unidades de significação/temáticas, com o propósito da visibilidade à tessitura narrativa dos conflitos/tensões, com os quais a entrevistada esteve envolvida.

- **Narrativa 2 (passado)**

Porque eu sem ouvir nada, fico mais calma, mais tranquila, mais em paz e ouvir é confuso, barulhento. Por um lado, é bom e por outro ruim, o lado bom é que eu fico em paz, não ouvindo nada e o lado ruim, eu sentia, tremia, na rua tinha muito barulho. (...) Minha família ficava conversando, eu perguntava e eles não respondiam, esqueciam que eu era surda e depois percebiam, nas festas de família sempre esqueciam.

- **Narrativa 3 (presente)**

O médico passou um exame de ressonância magnética eu não pude fazer, por causa do implante na minha cabeça, começou a apitar, em alguns lugares como no banco, apita, eu fico limitada de ir a alguns lugares, me sinto triste, eu me arrependo de ter feito a cirurgia do implante. Penso que a minha família precisa aprender LIBRAS, a sociedade também, aprender, pra olhar pro surdo, pra ter contato, pra ser importante, pra conhecer a comunidade surda.

- **Narrativa 4 (presente)**

É difícil, eu sempre me sinto mal, de sempre estar entrando com a minha mãe nos lugares, ela me acompanhando sempre, em banco nunca vou sozinha. (...) Tenho vontade de fazer as coisas sozinha, que em qualquer lugar tivesse acessibilidade, que fosse fácil eu ir sozinha, mas não tem.

- **Narrativa 5 (Futuro)**

Os surdos deviam estudar juntos, numa escola bilíngue, separados dos ouvintes, pra estimular pra aprender, pra ter um professor pra ensinar português, todas as disciplinas em LIBRAS (...) porque fala de inclusão, mas não tem inclusão. A maioria dos estados não tem escola bilíngue, só em São Paulo, no Íris, no Rio de Janeiro. (...) O problema é que o surdo fica com vergonha de falar, porque é diferente da voz do ouvinte, por isso ele fica calado, com vergonha. Na minha

família eu falo, por que são acostumados com meu tipo de voz, lá fora, na sociedade, não, eu fico calada, tenho vergonha.

4.4. O diálogo contínuo das vozes: a constituição política e social dos processos comunicativos

A sequência de unidades de significação/temática que apresentamos acima, ajudou-nos na definição do conflito/tensão que parece central na experiência de trânsito entre as culturas surda e ouvinte: viver a surdez com a suas possibilidades ou lutar pela integração na cultura ouvinte? Interpretamos que esse conflito/tensão, reflete o diálogo contínuo de vozes, que como aconteceu com as personagens de Dostoiévski, evidenciam ação e libertação em decorrência da abertura progressiva que uma condição de historicidade suporta. Do ponto de vista histórico, tudo se transforma, em um movimento de distinções, sínteses e contradições.

Na tessitura da tensão/conflito, a nossa entrevistada revela, por exemplo, que “não ouvir nada, fica calma”; mas, por outro lado, queixa-se de que por algumas vezes, a sua família parecia que “esquecia que ela era surda”. Nessa história que nos foi contada, há uma tensão que se estende. Por um lado, há o amplo reconhecimento de que “o surdo é capaz; ele pode fazer tudo” e há um forte apelo no qual “a sociedade precisa se aprofundar na cultura surda e conhecer o desenvolvimento da cultura surda, precisa aprender libras precisa ajudar o surdo, independente”.

Trabalhamos com a ideia/hipótese de que existe um contínuo entre as vozes da cultura surda e as vozes da cultura ouvinte, com base nas explicações de Bakhtin (2003) sobre a enunciação como unidade de análise das práticas comunicativas e sobre a polifonia (BAKHTIN, 2010), que traduz o sentido de heterogeneidade relacionado com a interdependência entre as experiências sociais e políticas e a constituição do pensamento individual humano.

Nessas explicações, o pensamento individual humano se organiza e tem seu exercício caracterizado por um princípio dialógico. Bakhtin (2010) observou esse funcionamento na forma como as personagens de Dostoiévski se libertavam do autor, para exercer efeitos diretos na produção de sentidos dos leitores. Bakhtin atribuiu essa libertação ao exercício de vozes, como propriedade do discurso em contraste com os limites de frases e orações. As vozes, portanto, vinculam definitivamente as experiências sociais às práticas comunicativas, o que fez com que Bakhtin professasse uma possibilidade de que essa dinâmica de vozes também se configure fora da literatura e alcance as práticas discursivas em situações cotidianas.

Com base nessas explicações, argumentamos que há um contínuo entre essas duas culturas. Isto é, a experiência social das vozes aproxima a visão de mundo na forma como é significada a partir da LIBRAS (cultura surda), da visão de mundo na forma como é significada a partir do português (cultura ouvinte). Dito de outra forma, o conflito/tensão que capturamos nas narrativas de nossa entrevista, reflete a dinâmica de vozes, considerando-se que tanto as pessoas surdas quanto as pessoas ouvintes, partilham condições políticas e sociais em cenários comuns institucionais, embora essas condições sejam elaboradas, em nível simbólico/semiótico com as especificidades de cada ser no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central da presente pesquisa foi investigar como a pessoa com surdez, que é submetida ao IC ao processo de reabilitação auditiva, experimenta o trânsito entre a cultura surda e a cultura ouvinte. Como conclusão, destacamos dois aspectos nesse trânsito, a partir das narrativas que analisamos. O primeiro aspecto que apontamos é que especificidades na construção do sentido de temporalidade nas narrativas de uma pessoa com surdez justifica o reconhecimento de uma cultura distinta. Isto porque, língua e cultura são funções indissociáveis e referem-se aos processos de significação das experiências no mundo. Se a LIBRAS tem constituição semiótica distinta do português (visual x fonológica), o pensamento, a visão de mundo e o desenvolvimento seguem também especificidades.

Além disso, nas discussões da Psicologia Cultural sobre as narrativas, o tempo é parâmetro central para a produção de sentidos sobre as experiências no mundo e, dessa forma é fundamental ao conhecimento produzido sobre o desenvolvimento humano. Avaliamos, então, que a reabilitação auditiva deva ser abordada de forma mais abrangente do que se faz atualmente, quando se restringe ao foco à substituição de sinais por sons.

O segundo aspecto que apontamos está relacionado com o primeiro. Trata-se da experiência de conflito/tensão que interpretamos aqui como o diálogo de vozes. Com essa observação, resgatamos explicações de Bakhtin (2003; 2010), que vinculou as experiências sociais e políticas às práticas comunicativas. Na nossa interpretação, o diálogo contínuo das vozes, fomentou um conflito/tensão com base na experiência que confrontou os possíveis “benefícios” de ser ouvinte com o amplo sofrimento, com dores e desconfortos, provocados pela escuta promovida pelo IC: Por que ouvir, se é possível produzir e compartilhar opiniões e pensamentos a partir de sinais visuais? De forma semelhante, o apelo pela integração, a partir da solicitação de que a sociedade aprenda LIBRAS, embora o reconhecimento do próprio

potencial, também sinaliza o diálogo contínuo das vozes, na forma como Bakhtin (2010) explicou.

Reconhecemos que os dados aqui considerados não suportam generalização. Mas pode ascender discussões sobre a cirurgia de implante coclear e sobre o que se define como reabilitação auditiva. A nossa entrevistada não é um caso isolado, de pessoas que são emocionalmente levadas para o implante, mas que resistem à reabilitação auditiva. A presente pesquisa se voltou para construção de explicações para essas situações, que se revelam como inquietantes. Somos inclinados a pensar na falta de qualificação de serviços no processo complexo que chamamos aqui por trânsito entre culturas. Subjacente a essa nomeação, está a nossa compreensão, desde o início deste estudo, que a reabilitação não se trata apenas da experiência com sons, mas, sobretudo, com transformações na forma como se experimenta as outras pessoas, as instituições, o mundo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, LTDA, 2010.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

BERGSON, H. **Duração e Simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BIGOGNO, P. **Cultura, comunidade e identidade surda: O que querem os surdos?** Minas Gerais. UFJF. 2017.

BRASIL, Agência Brasil. OMS adverte que 900 milhões de pessoas podem ter surdez até 2050. *In: Portal Agência Brasil\Saúde*, 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia>> Acesso em: 15 de setembro de 2020.

BRASIL. Portal Ministério da Saúde. Governo do Brasil. **Deficiência auditiva: Implantes cocleares podem ser colocados gratuitamente pelo SUS**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/saude/2016/11>>. Acesso em: 23 de jun. 2019.

BRUNER, J. **Actual minds, possible worlds**. Cambridge, Massachusetts, 1986.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2007.

FRIAS, A. A. S. **Inclusão social dos deficientes auditivos**: fundamentos jurídicos e aspectos sociais acerca da acessibilidade dos surdos. (2015) Dissertação. Faculdade do Norte Novo de Apucarana – FACNOPAR. Faculdade de Direito, Paraná, 2015. Disponível em: <<http://www.facnopar.com.br/conteudo-arquivos.pdf>> Acesso em 28 Maio 2019.

GOES, A. M.; CAMPOS, M. L. I. L. Aspectos da gramática da LIBRAS In: ____ LACERDA, C. B. F; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Carlos: EDUFSCAR, 2013, p. 65.

JORNAL DA USP. **Atualidades. Quase 30 milhões de brasileiros sofrem de surdez**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/quase-30-milhoes-de-brasileiros-sofrem-de-surdez/>>. Acesso em: 27maio 2019.

LUCCHESI, F. M.; ALMEIDA-VERDU, A. C. M. Ensino de componentes da linguagem a usuários de implante coclear: revisão da literatura. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 19, n. 6, p. 855-867, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pS1516>>. Acesso em: 17 de ago. 2019.

LYRA, M. C. D. P.; RIBEIRO, A. K. R.; DeCONTI, L. Temporalidade e interpretabilidade na análise de narrativas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Recife\PE, v. 34, n. 3431, Jun. 2018, p. 1-10. Disponível em: <Vista do Temporalidade e Interpretabilidade na Análise de Narrativas (unb.br)>. Acesso em 02 maio 2021. DOI: 10.1590/0102.3772e3431.

MOURA, I. C.; CAVALCANTE, F.G. O tradutor/intérprete de língua de sinais: um mediador de fronteiras culturais. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n.39, janeiro/junho 2013.

MOUTINHO, K.; CONTI, L. Artigos Originais Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 32 n. 2, pp. 1-8, abril/junho 2016.

PRIGOGGINE, Y.; STENGERS (1992). **Entre o tempo e a eternidade**. São Paulo: Companhia das letras.

SCARANELLO, CA. Reabilitação auditiva pós-implante coclear. **Revista Medicina**. Ribeirão Preto, Vol.38 n. 3. pp. 273-278, 2015.

SILVA, O. G; NOGUEIRA, A.F.S. Comparando aspectos gramaticais de português e de libras. **Anais - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará de fevereiro, de 2014. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/26488486-Comparando-aspectos-gramaticais-de-portugues-e-de-libras>>. Acesso em: 03 de julho de 2021.

VALSINER, J. **Fundamentos de psicologia cultural**: mundos da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Revista SOCERJ**, v. 20, n. 5, pp.:383-386 setembro/outubro, 2007.

VIEIRA, N.M. Ética e Estética na produção de sentidos no começo da vida. **Bakhtiniana: Revista Estudos Discursivos**, v.11 n. 3, 2016. Sep-Dec <http://doi.org/10.1590/2176-457322356>.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Manual do Intérprete

O TRÂNSITO ENTRE CULTURAS NA REABILITAÇÃO AUDITIVA: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DA PESSOA COM SURDEZ



SUMÁRIO

1. Alguns pressupostos teóricos da pesquisa.....	3
2. A linguagem na perspectiva histórica cultural.....	4
3. Processos semióticos na comunicação da pessoa com surdez: cultura transforma barreiras sensoriais.....	5
4. Narrativas do <i>self</i> : dimensões pessoais e coletivas na negociação de significados.....	7
5. Objetivos da pesquisa.....	7
5.1. <i>Geral</i>	7
5.2. <i>Específico</i>	7
6. Metodologia.....	8
7. Participante da pesquisa.....	10
8. Entrevistas.....	11
9. Referências.....	12

1. ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), aproximadamente 360 milhões de pessoas no mundo possuem perda auditiva e, no Brasil, cresceu de 9 milhões, de acordo com o último Censo em 2010, para 28 milhões em 2015, o que equivale a 14% da população brasileira (PORTAL BRASIL, 2018; JORNAL DA USP, 2019). No Brasil, as pessoas com perda auditiva têm acesso aos serviços de saúde de reabilitação auditiva regulamentados pelo Ministério da Saúde (MS), através das portarias 587 e 589 de outubro de 2004. Esses serviços prestam assistência em saúde, desde o diagnóstico até a reabilitação da audição (JARDIM *et al.*, 2017).

Argumentamos que, ao passar pelo processo de reabilitação auditiva, a pessoa com surdez congênita (de nascimento) transita entre sua língua e cultura maternas (a língua de sinais e a comunicação visual) e a cultura dos ouvintes (uma segunda língua que ativa a comunicação sonora). Esse cenário abre espaço para questões relativas às implicações psicológicas desse trânsito entre as culturas. Na presente pesquisa assumimos essas questões e, com vistas ao aprofundamento de observações derivadas de um período de estágio no setor de Psicologia de um Centro de Reabilitação Auditiva pelo Sistema único de Saúde (SUS), *o nosso objetivo é investigar os processos de natureza cultural e social implicados na reabilitação auditiva da pessoa com surdez congênita.*

Alinhamos a presente pesquisa com pressupostos da Psicologia Cultural, na visão de seu precursor Lev Vigotski (1896–1934), que defendeu a integração contínua de processos biológicos e sociais no desenvolvimento humano. Na perspectiva de Vigotski, os aspectos biológicos foram estudados no seu funcionamento histórico e social, para dar visibilidade às transformações que anunciam o ser humano em permanente desenvolvimento (LA TAILLE, OLIVEIRA; DANTAS, 1992). É nosso propósito na presente investigação, conhecer como a pessoa com surdez experimenta o trânsito entre as culturas surda e ouvinte quando é submetida ao processo de reabilitação auditiva.

Quando falamos sobre cultura, o pensamento decorrente sobre este conceito é de um conjunto de práticas simbólicas de um determinado grupo: língua, artes (literatura, música, dança teatro etc.), religião, sentimentos, ideias, modos de agir, de vestir, etc. Em seu livro “O que é cultura, Santos (2004) declarou que esse conceito diz respeito à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Para o autor, cultura se traduz com as manifestações peculiares que caracterizam uma população

humana. Nesses termos, cada cultura resulta de uma história particular e, dessa forma, diz respeito também à relação com outras culturas.

Poche (1989) deu maior abrangência ao conceito, comentando que cultura são esquemas perceptivos e interpretativos segundo os quais um grupo produz o discurso de sua relação com o mundo e com o conhecimento, ou qualquer outra proposição equivalente. Nesse pensamento, a língua e a cultura são duas produções paralelas ou, para além, a língua é um “recurso” na produção das culturas, embora não seja o único. Para esse autor, a língua é um instrumento que serve à linguagem para criar, simbolizar e fazer circular sentidos, em um processo permanente de interação social.

Segundo Santana e Bergamo (2005), no âmbito da surdez, o termo “cultura” faz referência à língua de sinais organizada como estratégia social e mecanismos compensatórios que as pessoas com surdez realizam para agir no/sobre o mundo. Para Kapitaniuk (2011), a cultura surda está intrinsecamente relacionada com um sistema de signos que se configuram, com características particulares, distinguindo-se da cultura dos ouvintes. Assim, observamos que, de forma ampla, esses autores convergem para uma concepção semiótica da cultura.

A palavra semiótica tem raiz grega *semeion*, que significa signo. A Semiótica é a ciência dos signos; a ciência geral de toda e qualquer linguagem verbal (oral ou escrita) e não-verbal. Por sua vez, nas experiências humanas, a linguagem atua como formas de comunicação e sistemas sociais e históricos, criados para representar o mundo. Nesse funcionamento, a Semiótica se configura como a ciência de todas as formas possíveis de linguagem e dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentidos (SANTAELLA, 2008).

Segundo Valsiner (2012), o termo cultura refere-se à mediação semiótica (mediação por signos). De acordo com o autor, a cultura é constitutiva do funcionamento psicológico humano. Isto quer dizer que as funções psicológicas são originadas e organizadas com base na semiogênese (construção e signos). Dessa forma, é possível falar de cultura no nível de processos intrapessoais (relativos à experiência de mundo da pessoa: sentir, pensar, memorizar, esquecer, planejar, etc.). Segundo o autor, se uma pessoa observa uma situação e diz a si mesma (em sua mente) “eu gosto disso”, está envolvida em um ato de regulação semiótica intrapsicológica. Além disso, a mediação semiótica atua também no âmbito interpessoal, cada vez que as pessoas se envolvem em diferentes formas de relação, como em conversas, na persuasão, no evitar determinadas experiências com outros, etc.

2. A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA HISTÓRICA CULTURAL

A relação entre linguagem e desenvolvimento humano foi a questão central nos estudos de Vigotski (1896–1934). Ele abordou a linguagem humana integrada a sua característica funcional e psicológica. Em sua obra “Pensamento e linguagem”, Vigotski (1988) declarou que a linguagem tem função de mediação social. Nesse funcionamento, a palavra é um modo de generalização absolutamente original de representações na consciência e o seu significado é uma unidade, que reflete da forma mais simples a integração do pensamento com a linguagem. Nesses termos, o significado é o fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, que une palavra e pensamento. Nessa perspectiva, a interação tem uma direção de fora para dentro. O desenvolvimento humano, portanto, resulta da ampla diversidade de processos emergentes a partir da interação social.

Nos pressupostos difundidos por Vigotski, a emergência do pensamento verbal e da linguagem (sistema de signos) é um momento crucial para o desenvolvimento humano, uma vez que, deflagram transformações que integram processos de natureza biológica aos processos de natureza histórica e social. Com essa integração emergem os processos de natureza simbólica (operações semióticas) que diferenciam os seres humanos dos outros animais. Embora os outros animais também se comuniquem, eles não são capazes de pensar previamente (simbolicamente) no que vão fazer, por exemplo. As possibilidades dessa antecipação são recursos de experiências históricas e social que, para uma previsão, por exemplo, são ativadas no nível simbólico. No caso dos animais, as resoluções de problemas se restringem a uma dimensão prática do aqui e agora, pois os seus recursos se limitam à esfera biológica (OLIVEIRA, 1997).

Faz-se necessário esclarecer que, nas abordagens histórico cultural, a língua não é transmitida, ensinada ou aprendida pela imitação. De forma diferente, é determinante o papel ativo da criança nos seus usos de linguagem (processos comunicativos) com o meio social para o seu desenvolvimento humano. Vigotski (1988) argumentou que se uma criança viver em uma comunidade e utilizar uma determinada língua para interagir com outras pessoas, esse uso destina-se tanto à comunicação, quanto, ao mesmo tempo, para a deflagração de processos para o desenvolvimento cognitivo da criança, relacionado com a internalização da língua em uso. Por analogia, argumentamos, então, que a língua de sinais, utilizada pela população com surdez para sua comunicação, deflagra processos diferenciados no seu desenvolvimento cognitivo. Dito de outra forma, a língua de sinais é mediadora no desenvolvimento cognitivo da pessoa com surdez (KENDRICK, 2010).

3. PROCESSOS SEMIÓTICOS NA COMUNICAÇÃO DA PESSOA COM SURDEZ: CULTURA TRANSFORMA BARREIRAS SENSORIAIS

Resumimos então, que linguagem são processos comunicativos, através dos quais se endereçam significados para outras pessoas, acerca de experiências no mundo. Quando refletimos sobre esse funcionamento abrimos questionamentos: como se constituem esses processos comunicativos nos casos das pessoas com surdez? Como se caracteriza a relação entre linguagem e cultura nesses casos? A resposta pode estar no como se constituem e como são mediados signos e significados nesses casos. De acordo com Charles Sanders Peirce (1939-1914) os signos representam algo que, de algum modo, representa alguma coisa para alguém. Ele dirige-se a alguém e cria na mente da pessoa outro signo que representa esta ou outra coisa - um objeto. Dessa forma, um signo coloca-se no lugar de um objeto ou de uma ideia (KAPITANIUK 2011).

Kapitaniuk (2011), resgatou discussões de Vigotski sobre o signo para destacar a sua função mediadora dos processos superiores (atenção voluntária, percepção, memória e pensamento). Essa função atua como um meio para atividade interna dirigida, que regula as ações do psiquismo humano. Para Vigotski (1988; 2000), os signos são mediadores na formação da consciência e atuam possibilitando transformações de processos interpessoais em intrapessoais. Essa atuação é a base para o argumento principal de Vigotski, que enfatizou a constituição cultural do desenvolvimento psicológico humano.

Vigotski (2000) explicou que a criança experimenta as primeiras relações sociais com os adultos. Nesta interação, ela constrói conhecimentos sobre objetos e sobre comportamentos de seus pares. Nesse funcionamento desenvolve-se a intersubjetividade, uma experiência mediada por signos. No caso da criança com surdez (congênita) que nasce no mundo dos ouvintes, a criança desenvolve uma espécie de sinais primários que Goldin Meadow (1985) chamou de sinais caseiros. Trata-se de um sistema gestual criado por crianças com surdez sem exposição a uma língua de sinais. Isto acontece porque, ainda que tenha habilidades cognitivas intactas, a criança com surdez não consegue se comunicar. Mas, a necessidade de interação com o meio social a impulsiona para a elaboração desse sistema gestual primário.

Vigotski (2000) fez uma analogia desse processo com o gesto de apontar. Ele observou, que a tentativa de alcançar um objeto esticando a mão (um comportamento dirigido a um objeto) por exemplo, pode ser interpretado por um membro da família que reage estabelecendo um significado primário para a ação da criança sobre o objeto. Com o passar do tempo, a criança associa o seu movimento às respostas de sua família e passa a regular esse movimento para

obter respostas específicas das pessoas. Dessa forma, seu movimento se torna um signo internalizado.

Ao refletir sobre esses aspectos, Kapitaniuk (2011) destacou que a criança com surdez, diferente da ouvinte, aperfeiçoa uma capacidade cinésica (linguagem corporal constituída como signo de comunicação extra linguística) com intenção de modificar a reação dos adultos, uma vez que a essência do uso de signos consiste em afetar o comportamento do outro. A criança com surdez aprende sobre objetos através de sinais - imagens sensoriais - que se vinculam à singularidade do objeto. Estas imagens se constituem como signos que, por sua vez, são internalizados, à medida em que outra pessoa concebe uma mesma significação que é compartilhada culturalmente.

A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS foi elaborada como uma nova organização de comportamentos culturais, para funcionar como signos verbais e mediar a atividade social das pessoas com surdez. Nessa língua, os signos passaram por estágios conceituais primários até chegar em um nível de reconhecido refinamento.

Em síntese, signos são ferramentas mentais e, por sua vez, a mente humana opera por meio de signos. Consequentemente, os signos são cultivados para uma relação consigo mesmo, mediante a ligação com os objetos no ambiente externo (VALSINER, 2012). O uso dos signos viabiliza aos seres humanos a organização de uma estrutura específica de comportamentos. Assim, a mediação semiótica habilita a pessoa com surdez para ir além de suas limitações sensoriais e desenvolver processos superiores baseados nas suas experiências visuais (KAPITANIUK 2011).

4. NARRATIVAS DO *SELF*: DIMENSÕES PESSOAIS E COLETIVAS NA NEGOCIAÇÃO DE SIGNIFICADOS

Para Bruner (1997) os seres humanos constroem significados a partir dos sistemas simbólicos operantes em sua cultura, os quais permitem-lhes se expressar nas interações sociais. Santana e Bergamo (2005), reafirmam esses processos no âmbito da cultura surda e declaram que, nesses casos, também se remontam o conjunto de referências históricas nas significações produzidas pelo uso da língua de sinais. Dessa forma, também nos casos de surdez, reitera-se as observações de Bruner (1997) sobre a dimensão da pessoa impressa na cultura. Isto acontece porque os significados do *self* (si mesmo) são negociados no confronto deste com a dimensão coletiva da cultura. Nesta negociação, o *self* constrói e organiza narrativas nas quais ele assume o lugar de protagonista. Também para a pessoa com surdez, as narrativas ativam dimensões

cognitivas para reconstruir as experiências históricas e culturais, mas, nesses casos, elas configuram-se como cinésica visual, visto que a pessoa com surdez utiliza movimentos corporais, expressões faciais, formas manuais, que simbolizam características da relação entre ele e a dimensão coletiva da cultura (KAPITANIUK 2011).

Reconhecemos, portanto, que as pessoas com surdez exercem uma linguagem, por meio da qual compartilham pensamentos de forma diferenciada de uma pessoa ouvinte. Todavia, considerando a mediação semiótica nesse exercício (o funcionamento simbólico que ativa a relação entre experiências sensoriais específicas para construção da língua propriamente dita), argumentamos que essas diferenças são atributos de uma cultura, que aqui ratificamos como a cultura das pessoas com surdez. Nesse argumento, consideramos que os processos semióticos são infraestruturas necessárias às transformações das experiências entre os níveis intersubjetivo e intrasubjetivo. Essas transformações caracterizam o funcionamento de uma cultura. De acordo com Valsiner (2012), por integrar a organização psicológica de toda pessoa, a cultura é a ferramenta primária para o viver humano.

OBJETIVOS DA PESQUISA

Geral:

- ✚ Investigar como a pessoa com surdez que é submetida ao processo de reabilitação auditiva, experimenta o trânsito entre as culturas surda e ouvinte.

Específicos:

- ✚ Discutir sobre o conceito de cultura surda no âmbito da reabilitação auditiva;
- ✚ Refletir sobre aspectos necessários à preparação de profissionais de psicologia para atuar no processo da reabilitação auditiva;
- ✚ Sistematizar uma metodologia de análise de narrativas autobiográficas construídas a partir da língua de sinais.

METODOLOGIA

Para este estudo, caracterizado como não experimental, adotamos o método de estudo de caso, por se tratar de um enfoque situado e particularizado da investigação, que lida com a complexidade da atividade social e privilegia a construção de significados dos atores sociais (SOMEKH; LEWIN, 2015). Nessa perspectiva, o estudo de casos se adequa aos objetivos da presente pesquisa por possibilitar, segundo Martins (2008), uma investigação empírica

aprofundada de fenômenos dentro de seu contexto real. Optamos pelo estudo do caso de uma pessoa com surdez congênita.

A construção dos dados será por meio de entrevistas episódicas semiestruturadas. Na presente pesquisa, as entrevistas proporcionarão narrativas, que serão abordadas como forma de organização das experiências do *self*. Com essas características, serão denominadas de narrativas *autobiográficas*. Considerando que a presente pesquisa se volta para um caso de uma pessoa com surdez, as entrevistas serão conduzidas com a ajuda do intérprete (tradutor).

Segundo Bigogno (2017), para realizar a mediação entre a LIBRAS e o Português, ou o inverso, faz-se necessário intérpretes, também chamados de tradutores de sinais. Esses profissionais traduzem em LIBRAS para uma ou mais pessoas com surdez conteúdos falados por uma pessoa ouvinte ou, traduzem em palavras, conteúdos sinalizados em LIBRAS por uma pessoa com surdez. De acordo com Moura e Cavalcante (2013), o intérprete atua diante das pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utiliza línguas diferentes.

O processo de tradução de línguas envolve um ato cognitivo linguístico e, por isso, o intérprete é completamente envolvido em um processo interativo sócio cultural. Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais e semânticas para passar a informação e, como a língua de sinais caracteriza-se como um repertório linguístico cultural da pessoa com surdez, o intérprete, preservando princípios éticos, exerce uma função social de mediador entre fronteiras culturais no ambiente da tradução.

Considerando que a presente pesquisa se volta para análise de narrativas autobiográficas, planejamos um desenho metodológico que possibilite uma abordagem das experiências da pessoa com surdez nos três tempos: passado, presente e futuro. Além disso, planejamos o registro em vídeo das entrevistas. A opção por esse registro é para garantir condições de acesso posterior às situações comunicativas que julgamos de alto nível de complexidade, por integrar a pessoa com surdez, um intérprete e a pesquisadora. Consideramos, portanto, que esse registro será necessário visto a composição essencialmente visual da língua e cultura da pessoa com surdez.

PARTICIPANTE DA PESQUISA

Para a presente pesquisa, será convidada uma pessoa com surdez congênita (quando a deficiência auditiva foi adquirida durante a gestação), que foi submetida à cirurgia do IC e esteja em acompanhamento no processo de reabilitação auditiva pelo menos há 18 meses. Esse período mínimo será requerido para possibilitar a construção de informações necessárias para

respondermos ao objetivo da pesquisa de investigar processos de natureza histórica, social e cultural na reabilitação auditiva. Esse período mínimo foi considerado mais apropriado também para o propósito da construção de narrativas autobiográficas, prevendo-se o resgate de experiências passadas e antecipação de expectativas futuras, para o momento presente, quando o participante será entrevistado. Analisaremos esses processos considerando-se o trânsito entre as culturas surda e ouvinte. Nessa perspectiva, julgamos ser necessário que o entrevistado tenha experiências diversificadas nesse processo de reabilitação.

ENTREVISTAS

Como já mencionamos, as narrativas autobiográficas serão construídas a partir de entrevistas com a pessoa com surdez mediadas por um intérprete de LIBRAS. Uma vez que trabalharemos com narrativas autobiográficas destacamos que a relação do entrevistado com o tempo das suas experiências será muito relevante. As entrevistas serão realizadas uma vez por semana e serão caracterizadas como episódicas. De acordo com Flick (2007), as entrevistas episódicas pressupõem “que as experiências que um sujeito adquire sobre um determinado domínio sejam armazenadas e sejam lembradas nas formas de conhecimento narrativoepisódico” (FLICK, 2007, p. 172). Para incentivar as narrativas, o entrevistador (pesquisador) faz uma “pergunta gerativa” (FLICK, 2007, p. 173).

Considerando que o foco da nossa investigação será a experiência de trânsito entre as culturas surda e ouvinte por pacientes que foram submetidos a cirurgia de IC e estão em acompanhamento terapêutico para reabilitação auditiva, propomos que a pergunta gerativa, a ser apresentada na primeira entrevista (cujo tempo verbal será o passado) será: “*Você poderia me falar um pouco sobre o momento em que soube da sua reabilitação auditiva?*” A partir desse momento, o pesquisador (entrevistador) ficará atento para fazer outras perguntas, a fim de explorar o conteúdo apresentado pelo entrevistado. Serão realizadas seis entrevistas: duas em cada tempo verbal - passado, presente e futuro.

A estratégia metodológica do enfoque nos diferentes tempos nas entrevistas, alinha-se com a relevância com que o tempo das experiências (historicidade) assume para a caracterização das narrativas autobiográficas. Concretamente, seguiremos a seguinte conduta metodológica: as entrevistas serão conduzidas controlando-se o tempo verbal (passado, presente e futuro) das perguntas gerativas e das perguntas contextuais (realizadas pelo entrevistador no decorrer de cada entrevista). Isto é, durante cada entrevista, o pesquisador ficará atento para preservar o tempo correspondente da sessão de entrevista (passado, presente

ou futuro) nas suas questões que oportunamente serão formuladas de acordo com as informações do entrevistado.

A primeira e a segunda entrevista serão no tempo passado. A segunda entrevista será baseada em informações (já transcritas) da entrevista anterior. Isto é, a segunda pergunta gerativa (que iniciará a segunda entrevista) será capturada do conteúdo narrado pelo próprio participante na entrevista anterior. O procedimento será a leitura (pelo interprete) da íntegra da entrevista anterior para o participante que terá, nesse momento, a oportunidade de acrescentar ou reformular as informações já partilhadas. Em seguida, o pesquisador apresentará a segunda pergunta gerativa.

A terceira e quarta entrevistas serão no tempo presente e a quinta e sexta serão no futuro. Será aplicado o mesmo procedimento indicado a partir da segunda entrevista (leitura inicial da íntegra da entrevista anterior, apresentação de uma pergunta gerativa baseada em informação da entrevista anterior e o controle do tempo verbal das questões endereçadas pelo pesquisador ao entrevistado através do interprete).

REFERÊNCIAS

BIGOGNO, P. **Cultura, comunidade e identidade surda: O que querem os surdos?** Minas Gerais. UFJF. 2017.

BRUNER, J. **Atos de significação.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2ª ed.). Rio de Janeiro, 2007.

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOLDIN, M. S. Desenvolvimento da linguagem em condições de aprendizagem atípicas: Replicação e implicações de um estudo de crianças surdas de pais ouvintes. *In: NELSON, K. (Ed.), Revista Linguagem Infantil.* V. 5, 1985. p. 197-245. HILLSDALE, N. J: LAWRENCE Erlbaum & Associates.

JARDIM, D. S. *et al.* Perda auditiva incapacitante: análise de fatores associados. **Revista Audiol Commun.** (online), Vol. 22, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/acr/v22/2317-6431-acr-2317.pdf>>. Acesso em: 29 de Maio 2019.

JORNAL DA USP. Atualidades. **Quase 30 milhões de brasileiros sofrem de surdez.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/quase-30-milhoes-de-brasileiros-sofrem-de-surdez>>. Acesso em: 27 Maio 2019.

KAPITANIUK, R. B. S. Cognição, cultura e funções sígnicas: uma análise da mediação semiótica no desenvolvimento histórico, social e linguístico do sujeito surdo. **Revista Ciências**

& Cognição. Florianópolis, Vol. 16, n.2, 2011. pp. 050-064. Disponível em:<<http://www.cienciasecognicao.org>>.

KENDRICK, D. Um olhar Vigotskiano sobre a surdez. **Revista Web Artigos.** (online) vol. 1, 2010. Disponível em: < <https://www.webartigos.com/artigos>>. Acesso em 16 de Jun. 2019.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M.; DANTAS, H. **Piaget, Vigotski, Wallon: Teoria Psicogênica em discussão.** São Paulo: *Summus*. 1992.

MARTINS, G. A. Estudo de Caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. **RCO – Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 2, n. 2, p. 9-18, 2008a.

MOURA, I. C.; CAVALCANTE, F.G. O tradutor/intérprete de língua de sinais: um mediador de fronteiras culturais. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n.39, Jun. 2013.

OLIVEIRA, M. K. **Vigotski: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico.** 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

POCHE, B. A construção social da língua. In: VERMES G.; BOUTET, J. (*Org.*). **Multilinguismo**, 1989.

PORTAL t5. BRASIL. Política. **Cerca de 14% da população possui perda auditiva.** 2018. Disponível em:<<https://www.portalt5.com.br/noticias>>. Acesso em: 04 de jul. 2019.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 28 de jul. de 2019.

SANTOS, J. L. **O que é cultura.** 12ª reimpressão da 16ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos; 110).

SOMEKH, B.; LEWIN, C. **Teoria e métodos de pesquisa social.** Petrópolis: Vozes; 2015.

VALSINER, J. **Fundamentos de psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida.** Porto Alegre: Artmed, 2012, p. 301.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

APÊNDICE B – Modelo de TCLE utilizado

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 466/12) - Para Entrevistas -

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa (Resolução. nº 466/12-IV, do Conselho Nacional de Saúde).

Você está sendo convidada a participar como voluntária do estudo “*O trânsito entre culturas na reabilitação auditiva: narrativas autobiográficas da pessoa com surdez*”, a ser realizado na Associação dos Deficientes Físicos do Estado de Alagoas- Anexo II, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Nadja Maria Vieira da Silva e conduzido pela pesquisadora Andréa Adriana da Silva, estudante do Programa de Pós-graduação em Psicologia – Mestrado da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. A seguir, informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto, para que você possa entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

1. O estudo será desenvolvido a partir da teoria da *Psicologia Cultural* na visão de seu precursor Lev Vigotski (1896–1934), que leva em consideração na compreensão dos fenômenos, os fatores biológicos e sociais. Nessa perspectiva esses fatores, são caminhos complementares: os aspectos biológicos são vistos numa perspectiva Sócio histórica e a cultura é parte essencial da constituição e desenvolvimento humano. Na surdez o termo cultura faz referência à língua de sinais, organizada como estratégia social, mecanismos compensatórios que as pessoas com surdez realizam para agir no/sobre o mundo, bem como, a todo um sistema de signos que se configura de forma diferenciada, característica e particular da cultura dos ouvintes. No Brasil, a população com perda auditiva é ofertado serviços de saúde de reabilitação auditiva regulamentados pelo Ministério da Saúde (MS). Assim, ao passar pelo processo de reabilitação auditiva, a pessoa com surdez congênita (de nascimento) transita entre a sua cultura e a cultura dos ouvintes. Esse funcionamento abre espaço para o questionamento sobre os processos implicados no âmbito dessa experiência. Desse modo, busca-se estudar como as pessoas com surdez que são submetidas ao processo de reabilitação auditiva experienciam o trânsito entre as culturas surda e ouvinte;
2. Nesse contexto, o estudo se destina a: investigar processos de natureza cultural e social implicados na reabilitação auditiva de pessoas com surdez, tomando como referencial teórico a psicologia Cultural; analisar como ocorre o trânsito entre as culturas surda e ouvinte por meio da reabilitação auditiva; debater sobre o conceito de cultura surda no âmbito da reabilitação auditiva; e refletir sobre aspectos necessários à preparação de profissionais de psicologia para atuar no processo da reabilitação auditiva.
3. A importância deste estudo é a necessidade de ampliação de conhecimentos relacionados ao trânsito entre culturas experienciado pela pessoa com surdez por meio da reabilitação auditiva e a possibilidade de contribuir com políticas públicas relacionadas a esse fenômeno;
4. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: a identificação e a compreensão dos processos culturais e sociais que ocorrem na passagem da pessoa com surdez do “mundo de silêncio” para um “mundo ouvinte” por meio da reabilitação auditiva, que pode provocar novas configurações de modos e de formas para se relacionar com o ambiente;
5. Esse estudo começará no ano de 2020, somente após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, e terminará no ano de 2021;
6. O estudo será feito da seguinte maneira: com uma pessoas com surdez congênita (quando a deficiência auditiva foi adquirida durante a gestação), que foi submetida à cirurgia do Implante Coclear (IC) e esteja em acompanhamento no processo de reabilitação auditiva pelo menos há 18 meses; serão realizadas seis (6) entrevistas episódicas semiestruturadas com o participante, que proporcionarão narrativas que serão abordadas como forma de organização das experiências do

self, as entrevistas serão conduzidas com a ajuda de um intérprete (tradutor) e serão videogravadas, pelo fato de julgarmos que esse registro será necessário visto a composição essencialmente visual da língua e cultura da pessoa com surdez, esses registros poderão ser posteriormente transcritos, ficando a pesquisadora responsável por guardar todo o material da pesquisa e manter o sigilo das gravações e informações obtidas;

7. A sua participação será nas seguintes etapas: a) assinatura deste termo e b) as entrevistas semiestruturadas que serão realizadas individualmente uma vez por semana (total de seis entrevistas) buscando identificar por meio de narrativas os processos culturais e sociais implicados no trânsito entre culturas por meio da reabilitação auditiva;
8. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são mínimos e são descritos a seguir juntamente com as medidas adotadas pela pesquisadora para minimizá-los/saná-los: a) quebra de sigilo involuntária e não intencional sobre seus dados, sendo minimizado pela garantia de que esses dados estarão disponíveis apenas para a equipe de pesquisa, que se compromete com seu sigilo e fará tudo o que estiver ao alcance para mantê-lo, com a guarda segura e não divulgação do material, assim como se compromete com a garantia de indenização no caso de ocorrer a quebra de sigilo; b) cansaço mental durante a realização da entrevista, sendo minimizado pela garantia de que você terá o tempo de resposta que achar necessário caso considere que o cansaço não lhe impede de participar da pesquisa, do contrário terá a garantia de participar da pesquisa em outra oportunidade, em nova data e horário decididos em comum acordo; c) perda de tempo com a sua participação neste estudo, sendo minimizado pela explicação de todos os passos metodológicos antes da assinatura do TCLE e explicação dos objetivos da pesquisa, estando ciente de que a sua participação contribuirá para a identificação e a compreensão dos processos culturais e sociais que ocorrem na passagem da pessoa com surdez da cultura surda para a cultura ouvinte por meio da reabilitação auditiva; d) constrangimento por não saber responder algumas ou todas as questões do roteiro de entrevista, minimizado pela liberdade de não responder o que não lhe convenha, tendo garantias no sigilo das informações obtidas, conforme descrito anteriormente; e) insatisfação e/ou irritação por ter seu discurso e imagem videogravados, minimizado pela garantia do direito de não ser videogravado caso você não concorde ou a garantia de suspender a gravação caso ela já tenha se iniciado e você deseje não mais prosseguir. Portanto, fica claro que a equipe de pesquisa se coloca à disposição para minimizar/sanar quaisquer incômodos e riscos promovidos por este estudo das formas apresentadas acima;
9. Caso haja algum desconforto de ordem mental provocado pela pesquisa, você poderá entrar em contato com a equipe de pesquisa e contar com a assistência da pesquisadora orientadora responsável Prof^{ra}. Dr^a. Nadja Maria Vieira da Silva, e do serviço de atendimento na clínica de Psicologia da UFAL;
10. Os benefícios esperados com a sua participação neste estudo, mesmo que não diretamente, são: a) a ampliação e divulgação de conhecimentos relacionados trânsito entre culturas possibilitado por uma política pública que é a reabilitação auditiva; b) o retorno à Universidade e a órgãos de Saúde do Estado de Alagoas sobre os resultados obtidos na pesquisa; c) a possibilidade de você tomar conhecimento e ser sensibilizado (a) sobre a importância da realização de estudos que contribuam no aperfeiçoamento de políticas públicas relacionadas às pessoas com surdez;
11. Você será informado (a) do resultado final do projeto e, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
12. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo;
13. A gravação de vídeos das entrevistas só será realizada com a sua permissão, bem como a sua transcrição na íntegra;
14. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto e só ocorrerá após a sua autorização, garantindo o sigilo absoluto do seu nome na divulgação dos resultados;
15. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você;
16. Você será indenizado (a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal);

17. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu _____, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e, para tanto, eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE, PARA ISSO, EU TENHA SIDO FORÇADO (A) OU OBRIGADO (A).

Endereço da(s) equipe(s) de pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Endereço: Campus A. C. Simões – Av. Lourival Melo Mota, s/n, Cidade Universitária, Maceió/AL

Complemento: Instituto de Psicologia – IP

Cidade/CEP: Maceió/57072-900

Ponto de referência: Próximo ao prédio da Faculdade de Letras – FALE

Telefone: 3214-1353

Contato de urgência: Sr.(a). Andréa Adriana da Silva

Endereço: Rua Antônio Zeferino dos Santos, 38, Jacintinho, Maceió/AL

Complemento: casa

Cidade/CEP: Maceió/57042-030

Ponto de referência: Próximo ao Mega Mercadinho

Telefone: (82) 9 8858-2279

ATENÇÃO: *O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas*

Endereço: Campus A. C. Simões – Av. Lourival Melo Mota, s/n, Cidade Universitária, Maceió/AL

Complemento: Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), térreo

Cidade/CEP: Maceió/ 57072-900

Ponto de referência: entre o Sintufal e a Edufal

Telefone: 3214-1041

Horário de Atendimento: das 9h às 12h e das 13h às 14h – de segunda a sexta-feira.


E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, _____ de _____ de _____.

Assinatura ou impressão datiloscópica da voluntária ou responsável legal (rubricar as demais folhas)	Andréa Adriana da Silva (Pesquisadora responsável pela pesquisa)
--	---

ANEXOS

ANEXO A – Autorização do Local da Pesquisa- Centro Especializado em Reabilitação – CER III

	Centro Especializado Em Reabilitação - CER III - Maceió - AL CNPJ: 08.427.999/0001-61	
---	---	--

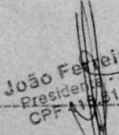
AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Autorizamos a pesquisa: "A TRANSIÇÃO DE CULTURA NA REABILITAÇÃO AUDITIVA: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PESSOAS COM SURDEZ". O referido trabalho será realizado pela Mestranda em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL: ANDREA ADRIANA DA SILVA.

A pesquisa será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com a ajuda de um intérprete em LIBRAS

Solicitamos a pesquisadora um retorno dos resultados e conclusões do referida pesquisa para futuras consultas por parte dos nossos profissionais.

Maceió, 05 de Dezembro de 2019.


João Ferreira Lima
Presidente - ADEFAL
CPF 13.813.384-34

João Ferreira Lima
Presidente


Zeldia Pedrosa de Oliveira Ribeiro
Médica Fisiatra
CRM 1439/AL - CFC 188.363-3/14-09

Zeldia Pedrosa de Oliveira Ribeiro
Diretora Técnica

Rua Clementino do Monte, 312 - Farol - CEP: 57055-190 - Maceió - Alagoas
Site: www.adeFal.org - E-mail: adeFal@adeFal.org - Tel.: (82) 2121-8686 - Fax: (82) 2121-8677

ANEXO B - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A TRANSIÇÃO DE CULTURA NA REABILITAÇÃO AUDITIVA: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PESSOAS COM SURDEZ

Pesquisador: Andréa Adriana da Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 28059919.5.0000.5013

Instituição Proponente: Universidade Federal de Alagoas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.838.747

Apresentação do Projeto:

No dicionário médico há uma definição objetiva de surdo/deficiente auditivo como “quem não ouve ou ouve mal” e a estas pessoas são ofertados serviços de reabilitação auditiva pelo Sistema Único de Saúde – SUS por meio de portarias instituídas pelo Ministério da Saúde. O intuito da reabilitação auditiva é desenvolver ou devolver a capacidade de percepção auditiva à pessoa surda. Porém deve-se atentar que as pessoas com surdez possuem uma cultura própria, pois designam um conjunto de significações simbólicas veiculadas pelo uso de uma língua comum, um conjunto de estratégias e códigos sociais utilizados de maneira comum para viverem numa sociedade feita por/para os ouvintes. Dessa forma, ao passar pelo processo de reabilitação auditiva, a pessoa com surdez congênita transita entre a sua cultura e a cultura dos ouvintes. Esse acontecimento abre espaço para o questionamento sobre os processos implicado no âmbito dessa experiência. Assim, a presente proposta de pesquisa tem por objetivo investigar processos de natureza cultural e social implicados na reabilitação auditiva de pessoas com surdez. A pesquisa possui como aporte teórico a Psicologia cultural de Vigotiski (1896-1916) que entende que os seres humanos tem capacidade de manifestar a sua singularidade ao construir significados sociais e sentidos subjetivos a partir da interação simbólica e afetiva com seus pares e uma cultura. A metodologia baseia-se em estudo de casos com entrevistas semiestruturada que contará com a ajuda de um intérprete (tradutor de LIBRAS) que, seguindo o protocolo ético exercerá papel social de mediador entre culturas; e análise de narrativas numa perspectiva narrativa do self de Jerome Bruner (1915-

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 3.838.747

2016). A pesquisa será realizada na Associação de Deficientes do Estado de Alagoas – ADEFAL anexo II, um centro especializado em reabilitação auditiva, na cidade de Maceió AL. Portanto a pesquisa possui relevância no âmbito da Psicologia que estuda os processos psicológicos, social e culturais dos seres humanos que estão em constante relação com o meio em que vivem absorvendo dele ao mesmo tempo que implicam nele.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar processos de natureza cultural e social implicados na reabilitação auditiva de pessoas com surdez.

Objetivo Secundário:

Analisar como ocorre a transição da cultura surda para a cultura ouvinte por meio da reabilitação auditiva;

Debater sobre o conceito de cultura surda no âmbito da reabilitação auditiva;

Refletir sobre aspectos necessários à preparação de profissionais de psicologia para atuar no processo da reabilitação auditiva;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O possível risco da pesquisa será se algum participante da pesquisa sentir incômodo com alguma pergunta nas entrevistas ou com a videografia, porém o sujeito está resguardado com o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) onde a pesquisadora responsável buscará minimizar qualquer transtorno e a qualquer momento ele terá liberdade de não responder o que não lhe convenha além de ter a garantia de suspensão da gravação, caso sintam-se constrangido. Vale salientar, que Caso haja algum desconforto mental relacionado com a pesquisa, o sujeito da pesquisa poderá contar com o serviço de atendimento na clínica de Psicologia da UFAL.

Benefícios:

Os benefícios esperados neste estudo, mesmo que não diretamente, são: a) a ampliação e divulgação de conhecimentos relacionados a transição de cultura possibilitado por uma política pública que é a reabilitação auditiva; b) o retorno à Universidade e a órgãos de Saúde do Estado de Alagoas sobre os resultados obtidos na pesquisa; c) a possibilidade do participante da pesquisa tomar conhecimento e ser sensibilizado (a) sobre a importância da realização de estudos que contribuam no aperfeiçoamento de políticas públicas relacionadas às pessoas com surdez.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 3.838.747

Estudo qualitativo transversal de três casos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os seguintes termos foram apresentados:

folha_de_rosto.pdf
cronograma_.pdf
projeto_mestrado_.pdf
tcle_corrigido.pdf
autorizacao_local_da_pesquisa.pdf
PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1488492.pdf
projeto_corrigido.pdf
termo_publicizacao_resultados.pdf
Roteiro_entrevista_semiestruturada.pdf
TCLE_.pdf
cronograma_projeto.pdf
termo_publicizacao_resultados.pdf
Orçamento
quadro_gastos.pdf

Recomendações:

Protocolo aprovado, desde que o pesquisador faça uso de intérprete de libras para explicação e obtenção do consentimento, tendo em vista que o processo de leitura do português pode ser dificultado para pessoas que fazem uso somente da LIBRA e que isso esteja descrito no TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pesquisa sem óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo Aprovado

Prezado (a) Pesquisador (a), lembre-se que, segundo a Res. CNS 466/12 e sua complementar 510/2016: O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado e deve receber cópia do TCLE, na íntegra, assinado e rubricado pelo (a) pesquisador (a) e

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 3.838.747

pelo (a) participante, a não ser em estudo com autorização de declínio;

V.S^a. deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade por este CEP, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata;

O CEP deve ser imediatamente informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É responsabilidade do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas a evento adverso ocorrido e enviar notificação a este CEP e, em casos pertinentes, à ANVISA;

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial;

Seus relatórios parciais e final devem ser apresentados a este CEP, inicialmente após o prazo determinado no seu cronograma e ao término do estudo. A falta de envio de, pelo menos, o relatório final da pesquisa implicará em não recebimento de um próximo protocolo de pesquisa de vossa autoria.

O cronograma previsto para a pesquisa será executado caso o projeto seja APROVADO pelo Sistema CEP/CONEP, conforme Carta Circular nº. 061/2012/CONEP/CNS/GB/MS (Brasília-DF, 04 de maio de 2012).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1488492.pdf	16/01/2020 11:51:44		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_corrigido.pdf	16/01/2020 11:48:43	Andréa Adriana da Silva	Aceito
Cronograma	cronograma_projeto.pdf	16/01/2020 11:48:16	Andréa Adriana da Silva	Aceito
Outros	Roteiro_entrevista_semiestruturada.pdf	16/01/2020 11:40:34	Andréa Adriana da Silva	Aceito
Orçamento	quadro_gastos.pdf	16/01/2020 11:39:51	Andréa Adriana da Silva	Aceito

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 3.838.747

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_corrigido.pdf	16/01/2020 11:34:09	Andréa Adriana da Silva	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	11/12/2019 16:52:03	Andréa Adriana da Silva	Aceito
Outros	termo_publicizacao_resultados.pdf	10/12/2019 23:57:51	Andréa Adriana da Silva	Aceito
Outros	autorizacao_local_da_pesquisa.pdf	10/12/2019 23:54:54	Andréa Adriana da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACEIO, 14 de Fevereiro de 2020

Assinado por:

CAMILA MARIA BEDER RIBEIRO GIRISH PANJWANI
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com